HÉLIKÔN

DO MESMO AUTOR:

"NUMEROS DO INTERMEZZO" (H. Heine). Versão. Ouro Preto, 1902. Beltrão & C.ª — 1 vol. (esgotado).

"BRUMAS E SOL" (sonetos). Ouro Preto, 1903. Beltrão & C.ª — 1 vol. (esgotado).

"NOÇÕES DE LEGISLAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DE FAZENDA". Rio de Janeiro, 1918. Casa Torres. — 1 vol.

CARLINDO LELLIS,

DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS

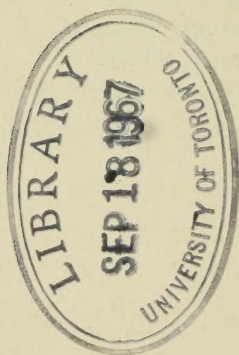
HÉLIKÔN

FRISAS E MEDALHAS. — OS BANDEIRANTES. — FERNÃO DIAS. — ESPHYNGE. — ESTANCIAS DE VENTURA. — POEMA TRUNCADO. — IDÉAS E VISÕES.

PÔRTO

EMPRESA LITERARIA E TYPOGRAPHICA

RUA DA BOAVISTA, 321

1920

TABLETA INVOCATIVA

Hélikòn! Fito, ao longe, a alva altura buscada:
Della me venha o ardor que o cerebro emphalerna
E conduz-me a tirar, arrancando-a do nada,
Como si fôra Zeus, alguma cousa eterna:

O senso da belleza inebriante e sagrada
Que o alalo illuminou no fundo da caverna,
E ao dryopitheco foi a transcendente escada,
De onde veiu, a subir, á humanidade terna.

E logre eu surpreender o espirito immanente
Que até na rocha está, latente no universo,
O Kósmos harmonisa e é fonte da Poesia.

Não em marmore ou bronze: em lavores de verso,
Longévo, sobreexista e perdure entre a gente
O bello que eu colhi, paciente, cada dia.

FRISAS E MEDALHAS

SOCEGO

Bem se me apraz, agora, anonymo, o repouso
De recantos de sombra, em sitios apartados;
Sob o esplendor do céo, sob o verde cheiroso
Das arvores ficar, vendo, aos campos, os gados.

Nem faunos nem pastor. E' este rincão o pouso
De aves de vôo tranquillo. Em penedos toucados
De lichens, de usnea longa, ermas tardes de goso
Passo a pensar, e só, nestes valles calados.

Fossem montes da Arcadia e bosquetes de myrtos
Estes! Nelles sentisse as nymphas todo o meu
Olhar, entre a clareira ou no espelho da fonte!

Assim me apraz sonhar entre os penedos hirtos,
Sobre os relvedos ir com Pindaro e Tyrtêu,
Ou a versos repetir de Hesiodo e de Anakréonte.

FRAGMENTO DE FRISA

Gloria a Pallas-Athéna! E' este recorte oriundo
De pranchas de Pentélio, ou, conduzido, veio
De Paros, sobre o mar? Nota-lhe bem o fundo
Sentir que as fórmas têm: ancas, torsos, o seio.

Quem lhe esta flor do riso acinzelou que um mundo
Vale, por sua graça, e lhe poz, de permeio,
Encanto e perfeição, commovido e profundo,
A alma lhe transfundiu, toda viva de anceio.

E são khlamydes vôando, e são nymphas desnudas,
Faunos de venta ao ar, siflos ternos de avenas,
Num pendor de collina em descansado acclive.

Que se te páre o olhar nestas figuras mudas!
Nellas, mais que em papyro e no esplendor de Athenas,
Ou em versos de um aédo, uma edade revive.

ESCUDO PARTIDO

I

Marte ao guerreiro o impoz, e, ao braço, o suspendendo,
Fel-o brandir na arena, em gesto formidando.
E, dos golpes clamando, ao retintin horrendo
Das lanças, todo o bronze ia, em fragor, resôando.

A linha oval do bordo é vel-a como, sendo
De aço, o dardo a mordeu, como si fôra um brando
Corpo de estanho molle, e arestas remordendo,
As pancadas lhe estão os relêvos rasando.

De arte o fizeram todo, ao primor de quem grava
E, de adestrada mão, a tempera recama
De fauces de dragão, guélas fumeas, em lava.

Neste, o dragão, fremindo, a garra enrija, prompta
A' furia do estraçalho, a voz cava rebrama
E, no arremesso, pára, em redor amedronta.

ESCUDO PARTIDO

II

Certo, a clava pesada ao bronze rechinando,
De herculeo e musculoso, ensanhado guerreiro,
Ao bater-lhe de cheio, e, de chispas, faiscando,
Fel-o, em parte, fender, a um golpe mais certeiro.

Não se lhe sabe inteira a historia ao venerando
Bronze heroico arrancado ao cimo de um outeiro,
Entre os restos de um templo. Em lhe a edade passando,
A patina lhe deu do tempo ao corpo inteiro.

Foi ferido de morte. E, si lhe bate o gume,
Geme, sem que de outróra o béllico fragor,
Da fauce do dragão, pelos bórdos, resôe.

E que, mais que esta brécha, a vida lhe resume?
Em que logar tombou, ao golpe vencedor?
Em Leutres, Marathona, em Thermopylas foi?

PARA ATHENAS

De ennovellos de espuma a agua ionia se embala.
Ruma de Téos e vai, rosas, heras, acanthos
A lyra entrelaçando, aquelle por quem fala
A musa do prazer, em barulhosos cantos.

Athenas o requer. No céo, jaspea, de opala,
Diana abonança o mar. São fulgidos chrysanthos
Estrellas. O velame, a sacudir, flaflala.
Nerêas vêm á tona, e são gritos, espantos.

E vai, aguas de prata, as ilhas descorrendo:
Levam tritões a quilha, euro, o barco tangendo,
Impelle-o, num resvalo acalentado e brando.

Vem-lhe Athenas de encontro. Olhos, longe, divisam,
A' recurvada prôa, e aguas fendem e frisam
Cem galeras ao largo, os remos compassando.

DEUS TÉRMINO

A hera lhe cinge o tronco e ennastra-lhe o viburno
Da sarmentosa rama o tope, na clareira.
Elle, o marco de pedra, o Término soturno,
É, de éra que se foi, erma flor derradeira.

Do seu lado, o carvalho o ensombra, por seu turno.
Entre os plexos de folha, á altura de uma hombreira,
De trissas, de usnea leve, ao busto taciturno
Seu ninho suspendeu a pomba forasteira.

*

É o silencio no bosque. Onde as frautas, avenas,
Nymphas, o fauneo bérro, os atrôos do alarido
Do semicapro deus, na relvada rechan?

Só, nas moitas de murta, entreagitada apenas
Dos ventos, vibra, á tarde, em sussurro incontido,
Em ramalhos de folha, a saudade de Pan.

ESPADA GLORIOSA

Fel-a em Toledo, á forja, em ferro das Asturias,
O mais famoso armeiro, e, a tempera lhe dando,
Fel-a para ceifar soldados ás centurias
E os escudos partir a golpe formidando.

Levou-lha a mão de um bravo, e, nas mais rudes furias,
De arremesso febril, ella era a morte entrando
Os campos do inimigo e, ao clamor das injurias,
Couraças estilhava, os golpes redobrando.

E nunca se abateu o ferro desta espada!
Foi a guerras por longe, ás centenas, varou
Cavalleiros e peões, em campos e estacada.

Si um momento siquer, commovido e profundo,
No campo da victoria, applacada, baixou,
Foi para ser a cruz a um labio moribundo.

———

A ALEGRIA DO FAUNO

Calma o bosque em silencio. Ás subitas, da espessa
Rama do quercus, sáe, espantada e confusa,
Como aza que tatala, alvoroçada, em pressa,
A toada de um tropel que uma fugida accusa.

Os galhos entreabrindo, aos saltos, se arremessa
Uma nympha, a correr... E um satyro, á diffusa
Luz do final do dia, a altos pulos, se apressa
Em seguil a, a bater o pé capro, como usa.

Nisto, junto a um rochedo em que elle proprio habita,
De entre as moitas, um fauno, olhos frouxos e, lasso,
Fica a mofar da fuga, em riso chocarreiro.

Empós, põe-se a siflar, e, ao mesmo tempo, agita
Uma das patas no ar, á guiza de compasso,
Os canniços da frauta, á sombra do loureiro.

A PROVIDENCIA

Ora, Harum Al-Raschid, Commendador dos Crentes,
Khalyfa de Bagdad, sóbe á mais alta amêia
Do paço e põe-se a olhar, de entre as fléchas luzentes,
Os sotãos da cidade, onde o pobre enxamêia.

São tectos da miseria e desvãos em que as gentes
Humildes têm abrigo. Em qual dellas ancêia
A maior afflicção? Onde as dores pungentes?
Onde a pena maior? Onde a fome campêia?

Toma, por imitar, então, a Providencia,
Seu arco, e, por prazer, ou simples displicencia,
Maçãs de ouro massiço aos tugurios atira,

Acontece, porém, que, sendo máo archeiro
O Khalyfa, a maçã, ás vezes, ao celleiro
Cáe de um palacio, e não á trapeira que mira.

A FUGA DOS CENTAURO S

De onde, e a que intuito vêm? E cada uma, espantada,
Nympha acode a espreitar, de entre as moitas de murta.
Uma dellas se afoita e, á distancia mais curta,
Vem, envôlta de folha e de ramos toucada.

Surge um fauno em cautela. Os seus passos encurta,
E abre os olhos de assombro á estranha cavalgada:
Corpo equineo, bem vê, torso de homem... Mais nada
Divisa, em seu temor... De ser visto se furta.

Breve, por todo o bosque, o terror apavora:
Pulam, correm, saltando, os faunos, e cirandam
Nymphas em fuga doida, as charnécas em fóra...

Vendo-o, embóca o deus Pan a buzina: do estouro
Do som que o bosque atrôa, os centauros debandam,
Num torvelim de pó, como uma nuvem de ouro.

O TROGLODITA

Na caverna soturna em que o calcareo chora,
Em lagrima de pedra, a estalactite estranha,
Elle, o homem primitivo, a que a tréva apavora,
Pelo tombar da noite, em terrores se entranha.

Que tormentos os seus, antes que surja a aurora!
Entre o immenso tremor, entre afflicção tamanha,
Como féra, se esconde, em furnas se acocóra,
Logo que o sol se perde ao viso da montanha.

Homem, meu ancestral, meu avoengo distante,
Que, ha altos milennios, vieste, antes que eu fosse vindo
Houve, na tua historia, um portentoso instante:

Foi quando a tua mão vibrou a pederneira
E, no fundo da gruta, o silex percutindo
Chispou na escuridão a fagulha primeira!

— ———

PESQUISADOR

E' de um benedictino, ao fundo de uma cella,
Dos mysterios da historia e povos esquecidos,
Num destroço de frisa ou pagina amarella,
Seu zelo em recompôr episodios perdidos.

O marmore tactêa. O pergamo revela,
Ao seu estudo, o senso, os occultos sentidos.
E a paciencia sem fim, aquelle ancêio, aquella
Fé o vigor lhe dão aos nervos combalidos.

E' que a alma encontra uma alma e uma idéa que dorme
Nas curvas do hieroglypho ou letra cuneiforme
Que o seu estudo encanta e lhe é doce pascigo.

E não morreu de todo uma éra transcorrida!
Não é o pensamento, ainda assim, a vida
Numa inscripção de pedra ou palimpsesto antigo?

ENCONTRO DECISIVO

Ninguem mais que dom Nuno. Em sua mão a espada
Malhas, cótas abria, ou por golpes certeiros,
Os corações varava, em rapida estocada:
Era da flor dos seus, sem duvida, o primeiro.

Os piques affrontava e, da sua montada,
Um tordo de Mossul, a noite, o dia inteiro,
Os infieis acossava. A Morte, alvoroçada,
Lhe era submissa ancilla ao gesto sobranceiro.

Certa vez, em Sevilha, elle tombou, vencido:
Presto como uma adaga, entrou-lhe o coração
O fogo de um olhar, deixando-o malferido.

E Aïxa, a que o prostrou, tinha, no mesmo dia,
A espada do guerreiro, e uma phrase a envolvia,
Numa pelle de chibo, em lingua do Korão.

RUINA

Os annos no passar e os seculos em fóra,
Os fustes, capiteis, as cupolas ousadas
Fizeram derrocar. E, no silencio, agora,
Os monumentos são como destroços, nadas.

Ora, um guerreiro, um dia, a retinir a espora,
De couraça de ferro e guantes, e arrojadas
Hostes, entrou, venceu, perdendo a vida embora.
De gentes esgorjar cégaram-se as espadas...

*

A cidade vasia! E vão-se, de anno em anno,
Diluindo-se do tempo ao surdo camartelo,
Os muros, sob um céo immensamente triste.

Um busto só ficou, tranquillo e soberano,
Idéa feita fórma, em cima de um estélo,
E uma inscripção, na pedra, os seculos resiste.

DESTINO

Vêde-o, certo, é, de todos, o mais raro
Cyatho que a mão do artista ébrio de sonho,
Talhou, na ancia insoffrida, e, delle avaro,
Quil-o furtar á vista de outrem : « Ponho,

Clamou elle num ésto, erguendo o claro
Olhar, entre magoado, entre risonho,
Toda a alma nos desenhos que componho,
E á propria alma, em tormentos, os comparo ».

E, olhando-o, accrescentou: «Si o fiz com tanto
Custo, foi para que nelle fervesse
O vinho, e o vinho Asklés bebesse». Entanto,

Nunca levou Asklés aos labios esse
Bórdo lavrado, e nunca se o viu tinto
Do môsto dos racimos de Corynto.

AMPHORA

Vem de um pouco de argila esta faiança
Côr dos alveolos fulvos das colmêias,
E alguem, triste talvez, á semelhança
A modelou de um coração. Não creias

Que uma sombra siquer, uma lembrança
De algum amor que encandesceu as veias,
Neste vaso de terra exista. Lança
Teu olhar neste bôjo, olha, que idéias

Esta amphora te dá? Compara, sonda:
— Naquelle, tens o amor e as afflicções,
O bem, a pena, o goso, o soffrimento,

E tens dos zelos a infindavel ronda,
As insomnias, ás mil, inquietações...
— E nesta, o vinho, o sonho, o esquecimento.

CAMAFEU

Cinzéla, e o Sonho este onyx ennobreça
E lhe dê vida e um sentimento empreste:
Talha e recorta, emfim, nelle appareça
A figura immortal que a Fórma veste.

Põe num relêvo o olhar por que soffreste,
Que o céo comtigo neste blóco desça,
E, deste affago de visão celeste,
A tua mão mil fantasias teça.

Surja o esplendor de uma cabeça, e nella
Grave-se a linha firme do contorno,
E nesta miniatura fique aquella

Graça infinita, encanto omnipotente,
E este pequeno e delicado adôrno
Ha de os annos viver, eternamente.

LEQUE ANTIGO

É de sandalo e laca, e um griffo estranho
Que um genio atormentado nelle abriu
Poz-lhe apparencia pristina e tamanho
Valor antigo e raro lhe imprimiu,

Que, só de o ver, meu pensamento banho
Num largo mar de sonho. Nem se viu
Mais torturado espectro que, do antanho,
Deixasse alguem que, em ancia, succumbiu.

Brilham do griffo raivas concentradas
Nos olhos, cujas orbitas rasgadas
Fuzilam como a luz de uma metralha.

E, num odio cruel, a rija planta,
Num gesto máo, a féra, hirta, levanta
E um coração nas garras estraçalha.

ANAKRÉONTE

Esta canção que os animos tornando
Á alegria, desfaz profundas penas,
E do pesar as garras afrouxando,
Deixa toda a alma, livre, mas serenas

Terras do bem, da fantasia, amenas
Landas que o myrto, a rosa, o incenso brando
Cobrem, e traz de adufos e de avenas
Toda a cadencia ao intimo embalando,

Vem, Anakréonte, ó velho que do goso
Trazes na tua lyra a voz, e, a tragos,
Dás-nos o riso e agitas-nos desejos:

De ti, filho de Téos, sempre glorioso,
Que as donzellas corôam, entre afagos,
De carvalho, de flores e de beijos.

CANÇÃO DE TÉOS

De Khyo resôe a taça érea, lavrada,
Ao choque de outra, e de outra... O capitoso
Vinho de Khypre á mente conturbada
Ponha delirios de paixão e goso!

Rosas de Eleusis! Seios da nevada
E lirea côr, ó callido repouso
Para uma fronte de volcão estuoso,
Enchei-me o sonho da alma não saciada!

A khlamyde de Tyro, ondeante, arranca,
Hellês, e mostra a perfeição infinda
Da fórma que estontêia, ondeante e branca.

Beija-me, abraça-me! Meus olhos, baços,
Se vão tornando, (vinho mau!) ainda
Dá-me a taça... mais beijos... mais abraços!...

FRAUTA DE PAN

Vens desferindo a sonorosa avena
E os fundos valles tácitos acordas:
Em sons, como Terpandro, que á serena
Lyra accresceu, entre as clamantes cordas,

A do pesar, da supplica, da pena,
Tu, desse rude calamo, transbordas
O inédito da queixa... E tão pequena
E' essa frauta em caniço, e com ella as bordas

Ermas, relvadas, de umas fontes claras,
Enches de sons! Do proprio soffrimento
Sabes tecer as múrmuras e raras

Arias, grinaldas de tortura! Ancêias,
E o mal, a tua dor, o teu lamento,
Em soluços, em grita, ao ar, semêias!...

IN VINO...

Tem, neste copo, o vinho, a viva e inteira
Purpurea côr de ampélides pisados,
E, dentro delle, brilhos, á maneira
De rubis todo em sangue, facetados.

Pelo cristal translucido, ligeira
Mão arabescos poz atormentados.
Num adélo busquei-o de uma feira,
E custou-me não sei quantos cuidados.

*

Mas tem, de certo, encanto a fina e rara
Taça: si nelle ponho, a sós, o rubro
Vinho, bebendo-o, a minha mente aclara

Enlevada visão, no mesmo instante:
De onde elle vem eu mesmo não descubro,
Alva, radiosa, estranha, fascinante.

VALLE DESERTO

Vem e perscruta este ermo valle. Nota
Como a clareira, em meio ao bosque aberta,
Lembre versos de Theocrito e a remota
Éra dos faunos cáprides desperta.

Entre broncos pedrouços a agua brota,
Como quem vai ligeiro e o passo experta,
Apressurada, em eclogas, na grota,
Flue e vai a bradar, em voz incerta.

Usneas que mais semelham barbas brancas
Vestem troncos, e os troncos retorcidos
Parecem se agitar em convulsões:

Só lhe faltam, correndo, em incursões,
Faunos que encham todo elle de alaridos,
De risos largos, gargalhadas francas.

PAN

Pan era o deus capripede, lanzudo,
De olhar brejeiro, chavelhado, e tinha
Hediondo e feio, a o suavisar, contudo,
Àlma de artista. Vagaroso, vinha,

Contam-no velhos folios, leve e mudo,
Sob a rama sagrada, espiando asinha,
Torsos eburneos, e quadris, e tudo
Ás nymphas nuas, de impeccavel linha.

E, no escampado, ao múrmuro e queixoso
Vento que, nos myrtaes, brando, mexia,
Elle, num surto longo, em paz, em goso

Ia de vozes quérulas enchendo
O valle, o monte, o bosque, a penedia,
Vago e soturno, o cálamo tangendo.

———

HERMA DE BACCHO

Não ha de ser á sombra do loureiro,
Erma que o busto esculpturado esplenda,
E, na alvura de Paros, galhofeiro,
Fique este deus borracho. Antes, a tenda

Dêem-lhe de parras virides, e estenda
Esta sobre elle fructos cujo cheiro
Lhe chegue ao naso, e delle esta vivenda
Tenha de aves o grito alviçareiro.

Ponham-lhe ao lado, em marmore, nitente,
Alva, a carne das nymphas, offegantes
Seios, cabellos de ouro desnastrados...

E o deus ha de sonhar nesses instantes,
De vista ao alto, o frio olhar dormente,
Nos cachos rôxos, da aura balançados,

VELHO RETRATO

A côr e a linha de uns pinceis movidos
Por mão que, toda tremula, traçava,
Foram, de certo, em ancia, esses sentidos
Olhos tristes vivendo. A estranha e flava

Côma dourada teve uns esquecidos
Tons de luz morta ao pôr do sól... Ficava
A gente a ver nos traços commovidos
Que uma historia infeliz na téla estava.

Não sei como dizer o que esse olhar
Tinha de surprehendente, nem supponho
Que o possa alguem aos outros explicar.

Vêde o que pode um sentimento: impelle
Pinceis e côres, reproduz aquelle
Vago olhar de crepusculo e de sonho!

OP. DE BACH

Este teclado sob a mão graciosa
Que um roseo leve e delicado córa,
Quando o feres, inquieta e caprichosa,
Canta e lamenta, psalmodia e chora.

Nessas notas, não sei que grito mora,
Que alma de sons dolentes, angustiosa,
Altêia e clama, pelo espaço afóra,
Como uma queixa penetrante e anciosa.

Toda uma éra de sól fulge e descerra
Ante a harmonia estranha e commovente
Que, pelas cordas, rapida, perpassa.

E uma saudade desoladamente,
Na solidão vastissima da Terra,
Sob a gloria do céo amplo, esvoaça.

SORTILEGIO

Sabe prender nas tramas da ternura,
E os corações a seu amor vencer,
Vem, a carinho doma, e tal doçura
Quem a sentiu jamais a ha de esquecer.

É como nesse olhar a « jettatura »,
Não te approximes, nem o queiras ver;
Repara, antes, na graça, a linha, a alvura
Dessa formosa e esplendida mulher.

Doma e governa, ancilla esplendorosa:
Quem della se prender entre os encantos
É um vencido e encantado de sereia.

E, encantado e vencido, em vão, anceia,
Que a arma com que subjuga é a poderosa
E implacavel dos beijos e dos prantos.

A UM ARTISTA MORTO

Nesta paizagem não puzeste apenas
O que teus olhos longamente viram:
Déste-lhe côres todas tão serenas,
Mas tão magoadas do pincel sahiram,

De tal maneira nellas reflectiram
Teus sentimentos que, nessas amenas
Terras, parece, (todos o sentiram!)
Diluindo andasses afflicções e penas.

Todo esse valle, os seixos da torrente,
Encostas, montes, fraguas, o escarpado
Perfil da serrania, tristemente,

Tudo das tintas, dos pinceis, brotando,
Surgiu como um soluço recalcado,
Na voz da Côr, em lástimas, clamando.

FLOR DO MAL

Dimanam do teu seio, forasteira,
Vaporações do Mal, como si fôras
A corolla lethal da dedaleira
Que, entontecendo nas primeiras horas,

Mata. Fazes lembrar, dessa maneira,
Através desse olhar em que as auroras
Moram, da digitallis a traiçoeira
Onda de emanações perturbadoras.

*

E, junto della, trazes toda a morna
Caricia dessa voz que arrulha e entorna
Doçuras de plumagens, quando falas.

Armas ciladas, vences, e, tormentos,
Espalham tuas graças, instrumentos,
Com que attraes, inebrias e apunhalas.

OURO-PRETO

Tenue sendal de bruma o céo vapora
E delle envolve o monte, o casario,
Serras, penhascos, valles, onde chora
A agua entre seixos, sob lianas. Frio.

Retine no ar a voz de um sino. E' a hora
Da ultima luz do sol sobre o sombrio
Valle, e essa luz, em purpura, colora
Tudo de sangue, nesse fim de dia.

Névoa indecisa e luz morta do poente,
Ambas, baixando, põem um véo dolente
De pena, que, por tudo, a tudo invade.

E desce na paizagem, a envolvel-a
E a fazel-a mais triste, e, assim, mais bella,
Uma poeira de sonho e de saudade.

ESQUIVA

Chloris, a nympha, a deusa desejada,
Ao perquirente olhar, a tudo, esquiva,
Estranha, como a tudo fugitiva,
Faz-se, por não ser vista, mais amada.

Busquem-na, em vão, a toda parte: nada
A ha de encontrar. E a quem tanto captiva
Tal esquivança acinte mais aviva
O ardor, a pena, a queixa exasperada.

Alma, enigma, esphynge!... não comprehende
O que a sonda a razão, por que, buscando
O goso, de ais, supplicios, se sustém.

Deixa a caricia, o beijo esquece, e pende
Para a que os seus tormentos augmentando,
A atira de um desdem a outro desdem.

CONTRASTE

Attenta no problema doloroso,
O da nossa ventura, ou desventura:
Tão ligeiro e fugaz é o nosso goso,
E a nossa pena tantos annos dura.

O pesar, fundamente, se afigura
Ás aguas mortas de um paul lodoso;
Mas a alegria corre e se apressura
Como um veio veloz e murmuroso.

A ventura, si vem, é fugidia:
A tristeza, entretanto, é duradoura,
Como si a propria eternidade fôra.

Uma fica e se atraza, outra se apressa:
Vive apenas a rosa um breve dia,
E o cypreste cem annos atravessa!

ESMALTE ANTIGO

Medalha de ouro e escámeo azul, lavrada
A buril e fundida, após, ao fôrno,
Tem, por si, esta a côr eternizada
Em meio de um relêvo aberto em torno:

Côr que fixou em graça o riso morno
De um rosto em miniatura e a delicada
Curva de uns labios de idéal contôrno,
Dos dentes a preciosa côr nevada.

Quem esta joia fez a fez, de certo,
Na ancia de quem padece, da alegria,
Do riso, longe, e da tristeza, perto.

E, arachnide, tecendo a subtil malha,
E gravando, e fundindo, assim, fazia
Um sonho de Arte preso a uma medalha.

O VIOLINO DA MORTA

Aquella mão, que era, de leve e branca,
Uma pluma de neve, estranha, esguia,
Não do teu seio, agora mudo, arranca
Mais os soluços altos de agonia.

E, do meio da paz em que te tranca
O abandono, afinal, sonhas o dia,
Dentro do qual, numa alegria franca
As revoadas de sons em ti feria.

E relembras, talvez, a éra remota,
Em que a alma d'Ella, tremula, anhelante,
Te fazia dizer, como em lamentos,

Leve, sentida, alada e doce, a nota
Branda, sonora, funda, penetrante,
Das saudades, das ancias, dos tormentos.

—— ——

EM VILLA-RICA

I

A Thomaz Gonzaga

A doce pastoral que, cada dia,
No ouro da magua, teu padecimento,
Como quem faz uma ambula, esculpia,
Do alanceado buril do pensamento,

Essa não passará nem um momento
Siquer, sem que dos outros a agonia
Viva e acorde, si, em todo, o esquecimento
Sobre ella não baixou a aza sombria.

E ficará a pena eternisada
A clamar pelas serras, de quebrada
Em quebrada. E, por todos os caminhos,

Quem os seguir ha de escutar que a magua,
Entre os rumores marulhosos da agua,
Anda chorada num milhão de ninhos.

EM VILLA-RICA

II

A Claudio Manuel

Teus versos não ficaram esquecidos:
Os concavos da serra ainda retêm
A queixa sussurrada dos gemidos
Que esses carmes tristissimos contêm.

Apura o ouvido, escuta, ouve: ninguem
Deixa-os jamais de ouvir. Como retidos
Pelos ermos dos valles, ora vêm
Pelas vozes dos échos repetidos.

Passam no vento, como gritos e ais:
Quanto mais ternos os ouvimos, mais
Elles segredam pelos ramos. Sente

Quem os escuta a trépida impressão
De ver nelles boiar seu coração,
Como pétalas á agua da corrente.

NA FAZENDA

Desde a manhã me atiro ao campo, fóra,
Entre moitas e tufos de folhagem.
O sol me encontra já, nesta paragem,
Caminhando a dizer versos á Flora.

Pomona os seios fartos avigora.
Pelas rechãs, de fructos, a paizagem
Se pintalga, e me beija uma bafagem
De corollas abertas desde a aurora.

*

Por uma e de outra parte, nos despertos
Ninhos, ruflos, chilrêios, em concertos,
Juntos altêiam, na deserta fragua.

Anda, por tudo, um sopro amplo de vida,
E fulge, pelo sol claro, ferida,
Como um brilhante, cada gotta de agua.

BUENA-DICHA

«Esta, dizia, a minha mão fitando,
É a dos pesares, tormentosa linha...
Males, torturas, penas...! Murmurando,
Ficou, a face á minha mão vizinha.

«Males, has de soffrel-os mais, e, quando
Pensares que o seu termo se avizinha,
Has de sentil-os mais, em negro bando...!
E ao seu olhar uma tristeza vinha.

« Cigana, eu disse, essa sciencia é falsa,
Falsa, pois tenho uma ventura inteira
Onde Ella esteja, onde uma flôr baloice.

E a zingara tornou : « Sei o que exalça
A tanta altura : é o sonho, essa maneira
De encher de rosa um espinhal. . . » E foi-se.

Á MARGEM DO PARAHYBA

Lembra, por tudo, um rio a alma da gente;
Ora, tranquillo, calmo, repousado,
Lento, vai, a fluir; ora, fremente,
Brusco escachôa, célere, enturvado.

Passa campos, montanhas, a silente
Espessura das selvas; a seu lado,
Cidades se erguem; o alto e resplendente
Céo sobre elle se espélha, constellado.

Malmequeres lançados á flor da agua,
E alvos vultos reflecte, olhos de magua...
Oh! si, como esse rio, só passasse

Nossa alma a reflectir, como miragens,
O que pende sobre ella e essas imagens,
Que guarda na lembrança não guardasse!?

BANHO DAS NYMPHAS

J. M. DE HEREDIA

É abrigado do Euxino o valle umbroso; ao meio,
Sobre a fonte, um loureiro escuro e nobre espia,
E, de um galho suspensa, a Nympha, sobre o veio
Da agua, mergulha o pé e as aguas arripia.

Ao clamor da busina, aos saltos, vêm, e, em cheio,
As companheiras á agua alva, tranquilla e fria
Se atiram, e, da espuma, á luz viva do dia,
Surgem cabellos de ouro, um torso, a flor de um seio...

Uma alegria louca enche o bosque. Entretanto,
Brilha na sombra a luz de dois olhos, e um brado:
«O Satyro!...» a cada uma enche os olhos de espanto.

E debandam. Tal, quando, agoureiro e sinistro,
Crocita um côrvo e põe, sobre o rio ennevoado,
Em desordem o vôo aos cysnes de Caystro.

O DISCIPULO

CATULLE MENDÈS

Buddha, em extase, a mão nos artelhos, medita,

— «O que a carne domina e os desejos sopita,
grave, lhe fala Purna, é leve como o vento
Que corre o espaço azul de todo o firmamento...
Aos roldões dos incréos, vingando os escalvados
Montes, transpondo a nado os rios, a afastados
Paizes para ao mal tiral-os, e, libertos,
Mostrar-lhes do Nirvana os caminhos abertos,
Ó mestre, eu levarei o teu dogma de paz!»

— «Si esses, torna-lhe Buddha, incredulos, infieis
Ultrajam-te de injuria e apôdos, que dirás?»

— « Que esses homens não são perversos nem crueis;
Não encheram de arêia os meus olhos, nem máos,
Pois nenhum me correu a murros e calháos. »

— « Mas, si ousam te agredir a pedra e bofetão? »

— « Esses homens, direi, não têm máo coração;
Não serão contra mim, tendo as mãos occupadas
Em bater-me, os bordões, nem as suas espadas. »

— «Si te ferem a ferro as carnes, de vagar?»

— « Em ferir-me são bons, podendo me matar. »

— « Si te matam, por fim? »

— « Feliz é de quem morre! »

Torna-lhe Buddha, então:

— « Vai, liberta, soccorre. »

MUMIA

Este fragil involucro de argila
Era de um rei, talvez. Amarellento,
Enrugado e sem brilho á atra pupilla,
Votado á paz e ao triste isolamento,
Jaz, como as immortaes cousas immotas,
Sob a crypta sem luz, ampla e vasia,
De desenhos senis de éras remotas,
Salpicados na cupola sombria.

Era este mesmo corpo donairoso,
De ouro e purpuras reaes resplandecente,
Que, em rábidos accentos, ardoroso,
Á frente dos exercitos, vehemente,
Clamava em vozes os trovões repletas,
Para aos soldados o animo incitar :
Ia a morte fatal nas suas settas
Tal lhe era o pulso firme e firme o olhar.

Era de um rei esta figura exotica,
Quasi esqueleto, a pelle em pergaminho,
Labios num rictus máo, uma cahotica,
E amedrontante apparição. O vinho
Do prazer e a terrivel e a atirada
Furia deram-lhe ao rosto este ar feroz,
E que terror a quem, sob a ampla arcada,
Dessa crypta ficasse com elle a sós!

No peito, na cabeça e no antebraço,
As cicatrizes largas ainda attestam,
O que era esse guerreiro, quando o braço
Erguia a clava. E ainda manifestam
O seu ardor e a sua bravura este
Rosto bronzeo e feroz!... Mas causa dó
Vêr-te, rei hirto, e a furia que tiveste
Nulla de vez e reduzida a pó!

TAÇA DE PRATA

ANAKRÉONTE. ODE XVIII. BIS.

Toma o metal de Khyo, moldado, traça,
Fére-o, e, como quem grava os camafeus,
Põe lavores no argento e, nelle, a taça
Surja digna de Zeus.

Consiga a tua mão, serenamente,
Brotar myrtos, rosaes, folhagens de hera,
E ahi se represente,
Em seu todo esplendor, a Primavera.

Á bórda põe, á bórda, como um friso,
Da herva de Baccho os cubiçados cachos,
E, no metal, esculpe, em frouxo riso,
Dous silenos borrachos.

Evita pôr qualquer tristonha historia
Nos relêvos. De Baccho é a propria gloria
Esta copa, pois, nella, o olhar opaco,
Em riso e esgares, surja inteiro, Baccho.

Resalte no metal, em graça e vida,
Corôado de hera, os olhos sem fulgor,
O deus que foi o próvido inventor
Da arte do vinho e o goso da bebida.

Kypris tambem, nesta ampla taça, esteja
E, ao lado della, o fúlgido Hymenêo;
Nos seus olhos em brilhos estrelleja
A alegria do céo.

Sobre tudo, uma vinha em fructos forme
Com os sarmentos e virides rebentos,
Guirlandas em que o olhar, sequioso, dorme,
A desejar os fructos summarentos.

Aos olhos venham mais, sob a folhagem
Que a sombra dá, tendo por fundo o Pindo,
Tenues, quasi esfumando, em leve imagem,
Eros, sem o carcaz, e as Graças rindo.

E jovens de belleza esplendorosa
Dançando, a fronte em pampanos e rosa,
Põe, e, entre elles, em trépido compasso,
Phœbo misture a graça e o proprio passo.

OS BANDEIRANTES

Incursores das Minas-Geraes. Seculo XVII.

*

I

OS DESCOBRIDORES

Para as terras violar, das indomadas gentes,
Não tinheis todos vós, bravos descobridores,
Mais para vos servir que os animos ardentes:
A confiança, a energia eram vossos valores.

Varastes os sertões. Nem canceiras ingentes,
Nem as febres, a fome, os tragicos pavores
Do labiryntho verde, as feras, as serpentes
Puderam vcs deter os passos invasores.

E á selva temerosa, ás escarpas bravias,
Aos rios transbordando, ás broncas penedias
Fostes... Quantos de vós não regressaram mais!

Semeastes no negror das mattas claridades
De aldêias e arraiaes que, hoje, em villas, cidades,
Brotaram no sertão, pelas Minas Geraes.

———

II

O DESCONHECIDO

Que diziam de vós, terras nunca trilhadas
Do pé civilisado? E que lendas estranhas!
Valles de arêias de ouro, encostas de montanhas
Do radioso cristal todo em verde irisadas!

Ereis longe o mysterio. A attracção das « entradas »
Foram mais a aventura, o perigo, as façanhas,
O jogo contra a morte, o arrostar de tamanhas
Penas, terras — esphynge, em montanhas, veladas.

Ao lado do thesouro, o perigo espreitava:
A solidão da matta, os roteiros perdidos,
O indio, o reptil, a féra, a fome, a « carneirada ».

Mas o cerrado arcano acclarou-vos a brava
Gente do bandeirante! E os montes escondidos
Exventraram-se de ouro, em riqueza buscada!

III

AS ESMERALDAS

Verde da côr da matta e verde como o mar,
Pedra que era a attracção, cobiça, a tortura
De tanto sonho vão, feita para brilhar,
Longe, como a esperança, intangida, futura.

Por vós tanta fadiga e penas, o sangrar
Dos pés pela intricada e cerrada espessura
Selvatica!... Por vós que, como o verde olhar,
Ereis, emfim, o engano, acenando á ventura.

Uma fascinação! A Cólchida encantada,
De serras de esmeralda, ao longe em desafio
A' cobiça, á ousadia, ao fundo do sertão.

Pelo thesouro verde, em roldão, desvairada,
Tanta gente se foi! Revolveu cada rio,
Montanhas excavou, em procuras, em vão!

IV

O OURO

Aureo véllo encantado. Em cada valle um rio,
Como um Páctolo, flue, e, a ambos lados, na arêia,
O faiscar da riqueza. O mais modesto fio
De agua, entre o saibro de ouro, orgulhoso serpêia,

As serras que o brumal das neblinas e o frio
Cercam, a sua entranha enrêdada da vêia
Têm do fulvo metal, e, côr jalde, sombrio,
Alto, polido, de ouro, o céo mesmo se arquêia.

E esse rio, essa arêia, essas serras a prumo
Fazem-se, em tudo, o sonho, erguem-se em pesadelo
De quem desse sertão faz-se, exaltado, em rumo.

E quem, mais que elle embriaga, e, em silencio, propina
A febre da ambição que esse encantado véllo,
E, no azul da distancia, estontêia e fascina?

V

O SELVAGEM

É do indio a terra toda, e tem nella o seu bando,
Leguas, leguas sem conta: a atra selva mais densa,
Valles, plainos sem fim, cursos dagua rolando,
Cadêias de montanha, a pradaria extensa.

Surja o estrangeiro alli, em seu dominio, é quando
Rouca, a inubia guerreira atrôa a selva immensa,
E são flêchas ás mil, os maracás rebôando...
Não ha que se lhe oppôr, e que essa furia vença.

Treme de horror quem vai e se afoita em transpôr
O antro dos cannibaes e lhe encontra os destróços
Dos guerreiros festins: craneos, tibias partidos.

A febre do pavor lhe allucina os sentidos:
Julga escutar, na sombra, arripiado, o fragor
Dos dentes a esbrugar o tutano dos ossos.

VI

A «CARNEIRADA»

Tece a trama da insidia. O ermo, fundo vallado
Véda como uma guarda invisivel, e fecha
O caminho ao thesouro, ou lhe fica do lado:
E, si a riqueza atrae, ella o golpe desfecha.

Si o homem toca a esmeralda, ou si do ouro buscado
Chega, como si fosse attingido da flécha
Hervada, cáe, tremendo, em febre desvairado.
Em seu corpo a escaldar abre-lhe a morte a brécha.

Tem nas vêias o fogo; abatido, delira:
Vê distante o seu lar, vê, depois os traidores
Remansos do Guaicuhy, valles do Itacambira.

Por todo o corpo um suor de máo presagio escorre:
Fala dos seus e do ouro... E geme, entre estertores,
Arde como em fogueira, e contorse-se, e morre!

VII

A PARTIDA

É pleno dia já. Chega a hora da arribada
Ás terras da esmeralda e ás montanhas de argento,
Treme a bandeira ao sol, em festa desdobrada,
Como aza para o vôo, espanejando ao vento.

As reúnas, o arcabuz, a perdeneira... lento,
Alçam-se de cada hombro. Ao flanco, pende a espada
Uma oração, adeus! E, sus! Mais um momento,
E a « bandeira » se vai á terra cobiçada.

Ao aranhol da matta, á verde ramaria,
Ás montanhas, á luta, ás febres, á peleja,
Á aventura da morte, ás incertezas vão...

E a fortuna, a riqueza hão de encontrar um dia,
Ao fundo de uma lapa, ou num rio que seja?
Quantos partem agora, e quantos voltarão?

VIII

EM CAMINHO

Tudo em redor é a matta: á sinistra, á direita,
Á frente, ao alto, atraz... E, da espessa ramada,
Raro se vê o céo: escasso, o sol espreita,
De além do tôldo verde, a ampla terra ensombrada.

Vão todos da « bandeira ». Ás pelejas afeita
Das rudes incursões, aquella gente ousada,
Ante o desconhecido, o bacamarte estreita,
Ou nos cóldres mergulha a mão alvoroçada.

Sonda em redor, o ouvido applica, attenta o olhar:
Cada cafurna encerra, e tem cada restinga
Olhos tôrvos de féra accesos como méchas.

Crê ver surgir da tréva as fauces do jaguar,
Recúa ao maracá surdo da boicininga,
Sente silvar na sélva uma nuvem de fléchas.

IX

FERNÃO DIAS

Das aguas do Tieté á longinqua paragem
Das terras do Guaicuhy, dos escampos abertos
Do valle do Itatyaia aos cimos encobertos
Do Itacambyra, abriste a espessura selvagem.

No dédalo da serra, em roteiros incertos,
Teu pé desvirginou, entre a verde ramagem,
A puresa da terra! E pela ousada viagem
Ias, sem ambição, violando os « descobertos ».

Eras, pelo sertão a buscar, cada dia
As lutas, o perigo, a alma estranha, agitada,
Romantica e febril, de um cavalleiro andante.

Amavas a aventura, e incitou-te o medonho,
Ermo desconhecido, e, na liça aturada,
A morte te abateu em meio do teu sonho.

X

O SUMIDOURO

Finca o marco na terra, abre as mattas em torno
Rompe a pellucia ao chão, planta, em redor, a roça.
De páos e de sapé, sem o mais pobre adorno,
Surge uma habitação : era a primeira choça.

E não parece hostil o ar transparente morno
A que se retempere e refazer-se possa,
Antes que pense em vir o dia do retorno,
Da fome que extenúa e a febre que destroça.

E' uma ilha solitaria ao mar verde da matta:
Casas, o milharal... A ancia no isolamento,
A saudade, a ambição pelas minas de prata.

Cáe a noite em silencio. As estrellas palpitam.
Accurvados e sós, sob o amplo firmamento,
Fernão, Garcia Paes, Borba Gato meditam.

XI

BORBA GATO

Rompe o caminho á gente. Entra as mattas. Os rios,
Sobre troncos, transpõe. As montanhas devassa.
Domina o Cataguá. Vára os antros sombrios
Da « carneirada », e o espreita a morte, quando passa.

Vai, como um desvairado, aos recessos sombrios
Da selva secular. Arde em cobiça, á caça
Das serras de esmeralda, em terra dos gentios,
E, nos seixos, em febre, o olhar, vivo, perpassa.

Sob o tropel dos seus, se agita a matta immensa,
Debanda a sussuarana. Elle avança, elle pensa
Ver os glaucos cristaes e ver Vupabussú.

E' Borba Gato, e sóbe á montanha. A esperança
Enche-lhe o coração: o seu olhar alcança,
Do alto, todo o sertão de Sabarábussú.

XII

A CONSPIRAÇÃO

Féro e firme e sem dó! Em rispidez se apruma
O velho Fernão Paes. Em mattas, a trezentas
Leguas pelo sertão, sopitando a ternura
De pae, suffoca na alma as intimas tormentas.

Rodeando o acampamento, em meio á noite escura,
Ouve, espia Fernão Dias Paes Leme... Lenta
Sua sombra se vai... Que ouve que a face dura
Mais dura se lhe torna, austera e macilenta?

José Dias, seu filho, as gentes allicia:
Venha apenas o sol, a revolta estrondêia
Alli: elle a fará, dando fogo ao rastilho...

Cáe entre elles o ancião!... Ao raiar do outro dia
Suspenso de uma forca, alguem pende e esperneia,
Braceja de uma corda, alto: é seu proprio filho!

———

XIII

MORTE DE FERNÃO DIAS

Por uma aberta ao sol, ao longe, o seu olhar se perde.
Fita, ao certo, sem ver, em torno: é Fernão Dias.
Agonisa, e lhe cáe, como ironia, verde,
Entre as folhas, o sol, nas barbas alvadias.

Curvam-se em de redor os seus. Não ha que lhe herde
As forças do querer e as broncas ousadias.
Ninguem chora, comtudo, ao sentir-lhe o volver de
Um vago olhar final das pupillas sombrias.

Turvado, o Anhonhecanga, entre a brenha, rouqueja,
Perto. Garcia Paes tem nas suas a mão
Do moribundo, e pousa um dos joelhos em terra.

E o filho e Borba Gato e os mais, juntos, então
Erguem o olhar ao céo. Fernão Dias arqueja,
E o vitreo olhar velado o bandeirante cérra.

XIV

GARCIA PAES

Mais uma noite vem, mais um dia se esvae...
Á sombria tarefa ha de chegar o alento,
Para, em hombros, levar o esquife de seu pae,
Do fundo do sertão á egreja de S. Bento.

Seguem muitos dos seus. O seu olhar não tráe
Um desanimo só! Não se lhe ouve um lamento!
Transpõe serras e matta, e, por final, se vae,
Aguas crespas do rio, embalado do vento.

Corre a canôa-esquife... E, num morrer de dia,
Rola na correnteza a fragil « montaria »
E o cadaver se afunda á agua turva da enchente.

É mister encontral-o! E, tres dias, se vão
Em mergulhos no rio! E, após, por sua mão,
Garcia traz á tona o morto, finalmente.

XV

REGRESSO DE FERNÃO DIAS

Rio-das-Velhas vai, aguas turvas subindo
Uma canôa esguia... Outras canôas mais,
Empós... Longe, o rumor dos remos presentindo,
As garças abrem vôo, á margem, nos juncaes.

É funebre o regresso, e volta Fernão Paes,
Morto. O lenho que o leva, as aguas repartindo,
Deixa a terra maldita, abandona os cristaes
Verdes que eram seu sonho e pesadelo infindo.

Volta, afinal, aos seus, a erma villa apartada
Entra, a braços de amigo. Ao descanço se entrega,
Emfim, que lhe ha de ser seu ultimo destino.

Volta. Como partiu, numa clara alvorada!
Volta aos hombros dos seus. Como um destroço, chega
A egreja de S. Bento, ao lamentar do sino.

XVI

D. RODRIGO DE CASTEL-BRANCO

Ora, o « Fidalgo » quer o dominio da terra
Que Fernão descobriu, e em que perdeu a vida.
O herdeiro de Fernão, Borba Gato, se cérra
Numa suspeita, e os seus põe de arma precavida.

Em pouco, o acampamento, em dous grupos, afêrra
As garras á escopêta. Era luta temida.
Receia D. Rodrigo os azares da guerra,
E abate a sua gente as armas, constrangida.

*

Que um accordo se faça e se evite o perigo!
Que continue do Borba a terra descoberta,
Fique todo o sertão, além, a D. Rodrigo.

Em ira, o castelhano altêia a voz violenta:
Altercam-se, entre os dous, na esplanada deserta
Num clarão de arcabuz, um detôno rebenta.

XVII

RODRIGUES ARZÃO

E' um tenue vêio dagua a trépida corrente.
Como a pá do hortelão abre os sulcos de uma horta,
O sonoro regato, actuando, persistente,
Aos poucos, no alluvião, seu « talweg » recorta.

Cáe-lhe, uma tarde, á beira, um estrupido, a gente,
Sem esperança do ouro e esmeraldas, que importa?
Regressa do sertão, vencida e descontente,
De fadigas exhausta e fome, e semi-morta.

E' Rodrigues Arzão. A S. Paulo retorna.
Não mais sua ambição em sonhos de ouro adorna:
O desalento o vence e o domina o cansaço.

E, ahi, desce um dos seus ás humidas ribeiras
Do murmuro Tripuhy. Do ouro preto ás primeiras
Colhe, num carumbé, pepitas da côr do aço.

XVIII

ANTONIO DIAS

Asperrima a jornada. Entre cristas hirsutas,
Barrócas, pedregaes, ravinas aprumadas
Transpõe o ousado bando e segue. Aquellas brutas
Moles de pedra são, a seus pés, as estradas.

Dias de desespero. Horas de fome. Lutas
Contra o selvagem... Vai. No dédalo, as pegadas
Acompanha de Arzão, nas montanhas abruptas,
E as linhas do roteiro ás minas cobiçadas.

Busca o Tripuhy que corre em negros seixos de ouro,
Mais o Italomy longinquo Antonio Dias,
De esperança alentado e de sonho repleto.

Noite. A «bandeira» acampa. E, mal surge o sol de ouro,
O campo se alvoroça em brados e alegrias:
Longe o Italomy: são terras do ouro preto!

XIX

PADRE FARIA

Num recanto do valle, em que o ouro desentranha
A rêde dos filões, eleva-se um altar.
Luzes. O Christo sangra. A' vez primeira, no ar
Clama o bronze sagrado aos échos da montanha.

A capella não tem as portas que, de par,
Se abram á multidão que as preces acompanha.
A hostia se eleva, branca, e cada peito, a arfar,
Accurva-se, da fé numa emoção estranha.

Pára o rumor da faina. Almocafres, batêias,
O cascalho a rolar, cala-se tudo, então,
E as proprias aguas vão, soturnas, nas arêias.

Padre Faria se ergue, e, sobre a multidão,
Dessas almas de fé e de ambição tão cheias,
A mão no ar, traça, em cruz, o signal do perdão.

XX

SALVADOR FURTADO

Ampla terra deserta, escampada e vasia,
Altos cimos de pedra opalados da bruma;
E, si a vista se espraia ao longe, a serrania,
Em socalcos de azul, na distancia se apruma,

Como seguindo um sonho, uma vã fantasia,
Que cresce a cada instante, a cada hora avoluma
Tu foste pela terra. E foste, cada dia,
As montanhas galgando, afoito, de uma a uma.

Trahiu-te o Itaberaba embrumado do frio.
E, perdido o caminho enredado da têia
Da névoa, por final, do rumo te transviaste.

E foste accaso dar á agua turva de um rio,
Eram lhe, á margem, de ouro, os grãos fulvos de arêia:
E o Ribeirão-do-Carmo, entre as serras, fundaste.

XXI

O ITABERABA

A montanha se apruma. A dez leguas se avista,
Das mattas, ou do campo, ou do viso da serra.
É como uma baliza: ella aponta á conquista
Aos que vêm ao sertão os thesouros da terra.

Longe, a defronta o olhar; longe, a procura a vista..
Ora, em nuvem se envolve, e no seu véo se cerra;
Mas, ferida do sol que lhe redoura a crista,
Reluz como metal, brilhos de prata encerra.

E vieram, de uma em uma, as «bandeiras» exhaustas
Ao pé do Itaberaba, assim como pyraustas
Trazidas pela luz, a lhe cahir ao flanco.

E seguiram após... Menos uma illusão
A lhes suster a fé... E, de rumo ao sertão,
Foram, forças reunindo, em redobrado arranco.

XXII

CAMINHO DO TEJUCO

Chegam todos, após haverem as gargantas,
Montanhas, solidões, escarpas e a bravia
Selva espessa transposto, a um sitio que, de quantas
Terras vistas então, mais formoso, radia.

Um fio dagua, dentre as milennarias plantas,
Diz segredos e fala. Em tudo, uma agonia
De sol no occaso põe côres de sangue, e tantas
Azas viram se, em par, assim, num fim de dia.

Detém-se a expedição: Alto! Qual seja o rumo
A tomar, quêda, espera a multidão confusa...
Mas o chefe levanta a mão nesse momento:

«Que Deus, por nós, decida o caminho, em resumo!»
Nisto, desfralda, brusco, a ampla bandeira ao vento,
Para que a sorte os guie e á riqueza os conduza.

XXIII

VILLA-RICA

Alto, o branco albornoz os pincaros circunda,
E, no esconso da serra, e nos valles, a fria
Agua de prata rola, e, ruidosa e profunda,
Diz, como a tilintar, a sua lithania.

Ouro na flor da terra, ouro na fria e funda,
Rasgada á rija rocha, absconsa galeria,
Ouro faiscando ao sol, ouro que tudo inunda...
E Villa-Rica, do ouro, esplendida, radia.

Nos pendores do monte, a multidão fervilha,
Formiga á margem da agua, os valles enxamêia
Tumultuando o fragor do almocafre e a batêia.

Ferida, escalavrada, os olhos maravilha
A aurea entranha da pedra á gente aventureira,
E o ouro corre em caudal nas aguas da ribeira.

XXIV

O TEJUCO

Terra que a luz fustiga, e em que o sol é dourado,
Em que cada montanha é envolvida no brando
Azul, e são cristal, rolando do escalvado
Da rocha, em voz triumphal, as aguas, espumando.

Mas as aguas te enturva o gesto alvoroçado
Da gente que chegou. Clamam vozes do bando.
A batêia reluz, e, de um e de outro lado,
Braços avançam na agua, os saibros rebuscando.

*

O alarido rebôa. A faina recrudesce.
Revolve-se a grupiara, e, sobre o murmurio
Da agua, vozes, clamor, echos lêdos accordam.

E mais que o ouro surprehende, entre os cascalhos, esse
Reluzente cristal, e nas margens do rio,
Batêias, carumbés, em diamantes, transbordam.

XXV

O RIO-DAS-MORTES

Olha esta agua que corre, olha a margem de arêia!
Quantos gritos lhe vão, nos marulhos que o vento
Dispersa para longe? Em arripio, ancêia
A agua enturvada e crespa, em confuso lamento.

Que dirás tu, inquieta agua, a que, este momento
Indaga o meu olhar, e a meus pés serpentêia?
Ora, tu corres mais, ora o teu curso é lento...
Do proprio horror da morte é esta torrente cheia?

E as lutas neste chão? E os tiros de escopêta?
Brados do bacamarte? Os golpes da zagaia?
Toda a carniçaria atroz, ás punhaladas?

Murmuras a traição, resmungas a vedêta,
Rio de magua e dor! E, entre esta e aquella praia,
Ides, tintas de sangue, aguas atormentadas?

XXVI

OS EMBOABAS

E a luta rebentou. Tem a palavra agora,
Atroante, o bacamarte. E morra o aventureiro,
O insaciavel reinol! Morra o paulista! E, fóra,
Nos campos estrondêia o tumulto guerreiro.

Detona o clavinote. A colera estentora.
Um retintin de espada. O ullular do berreiro.
Gritos de raiva e dor! E, de sangue, se córa
A terra, ao bravo golpe, ao pelouro certeiro.

E, nas lavras, agita, e, nas ruas, em onda,
A gente alvoroçada as armas da chacina:
Em cada canto, trêdo, um arcabuz estronda,

E toma azas a sanha. Um momento siquer
A perder! .. E' fugir á caçada assassina.
Paulistas e reinóes, salve-se quem puder!

XXVII

TERRA DE MINAS

No ar frio da manhã é de cristal o espaço.
No céo, de porcelana, azul, da flor do linho,
E abluido de cobalto, apaga-se num traço
Vago, o perfil da serra, a golpe de esfuminho.

Num sulco aberto, ao sol, em moroso compasso,
Segue o carro-de-bois, a chiar, pelo caminho.
Entre borbôlhos dagua, em arquejos, e lasso,
Rola, em fragor de pedra, e surdo, ao lado, o moinho.

A fazenda branqueja. E, no engenho, rechina,
Range a pesada roda. Acima, de outro rumo,
O grão, dentro da terra, as gemulas germina.

Pastam gados no monte, e os mugidos, o bérro
São eclogas... No valle, o pennacho de fumo
Sacode, em turbilhão, passando, o trem de ferro..

FERNÃO DIAS

EPISODIO DA CONQUISTA DAS MINAS GERAES,
NO SECULO XVII

I

Destroços do que foi, uns farrapos de gente...

Tanto tempo passado! Era maio. Luzentes,
As armas sob o sol, a bagagem, os peões,
Os fardos a guardar as fartas provisões...
Move-se, vai partir, as sélvas penetrando,
Pelo sertão a dentro, o destemido bando:
Não recêia fadiga, e, muito menos, teme
Perigos, si o conduz Fernão Dias Paes Leme.
No ar lavado do sol, como uma saudação
Retumbam, com fragor, em honra aos que se vão
Os tiros da escopêta, os trons da colubrina,

A cruz se alçava no ar, como benção divina,
Em côres variegada, a multidão fremia:
Era alegria o sol, o sol daquelle dia.
Anceava entre o pesar, anceava entre a esperança.
Cada um que ia partir... Aturada provança,
Essa de ir-se ao sertão, á remota e selvagem
Terra, toda traição, em asperrima viagem!
Que lhes ficava além? A furia dos gentios,
A febre, o sucury, as barreiras dos rios,
O dente cannibal, a fléch a ervada, o nú
Calcareo ao cascavel, á sanha do urutú.

Um abraço dos seus, olhos baços de pranto,
A angustia do soluço...
Era bem, entretanto,
Ser forte e não tremer. É partir! E se apresta
Tudo na confusão, como em rumor de festa.
Os que ficam, em vão, clamam, num alarido...
É partir, é partir, rumo ao desconhecido.

Dormem, longe, á distancia, em serras, os metaes:
São montanhas de prata e blócos de cristaes
Verdes: são de esmeralda! e valles que as areias
Têm de ouro, e que as lavou a torrente das cheias.
Fecha a sélva o thesouro: em de redor se cerra

Por aspera cadêia e os paredões da serra.
E guarda-o, sol a sol, defende-a o carniceiro
Selvagem cuja setta é o dardo mais certeiro.
E o estranho que vingar o intricado da matta,
Vencer fomes e a féra, e a montanha de prata
Tiver de conquistar e as pedras de esmeralda,
A febre o matará... É a febre que desfralda
O sudario da Morte, áquellas solidões,
E extingue em estertor, em fogo, em afflições.

É preciso, porém, buscar esse thesouro,
Os cristaes de esmeralda, a grande copia de ouro;
Talhar todo o sertão, andar de sul a norte;
Correr todo o paiz, sulcar todos os rios,
Galgar os chapadões, descer aos mais sombrios
Valles, e navegar no roldão das cachoeiras,
Em balsas, em canôa ás semanas inteiras.
Com o selvagem lutar; em meio da soturna
Brenha, ir buscar a féra aos recantos da furna,
Vencel-a a bacamarte; e, mais, ir affrontar
Nos seus valles de dor, a Morte encastellada,
Matando sem ser vista: a febre, a «carneirada».

Para a gloria do rei, gloria de Portugal,
Um dia, esse thesouro ha de ser, afinal,

Arrancado da terra e ha de ir enriquecer
A grandeza do Reino. E não retarda em ser,
De todo, desvendado, e as galéras ao mar,
Ás centenas, hão de ir, garbosas a sulcar,
Atochadas de prata e das barras pesadas
Do ouro, mais da esmeralda, as vélas atufadas.

E partem, a buscar as terras escondidas.

Grandes, em Taubaté, ao sol, as despedidas.
Como uma caravana, ajoujada, de gentes,
Fremindo de valor, na mesma fé ardentes,
Parte, como quem vai á guerra, aventureira,
Ousada, a se internar no sertão, a «bandeira».

II

Sete annos no sertão! Sete annos no degredo!
Sete annos no queimar, no anceio de o segredo
As selvas arrancar! Sete annos de miragem
De sonho a allucinar, na deserta paizagem
O velho Fernão Paes!

Os seus já devassaram
As selvas do sertão. Valles esquadrinharam,
Viram Vupabussú, além, Itacambyra
Desceram o Guaicuhy...

Mais de um selvagem vira
As serras de esmeralda. E' preciso chegar,
Seja a que preço fôr, a seus cimos, levar,

Imponente e triumphal, o fructo da conquista,
E, como um rei, tornar...

E se lhe estende a vista,
Longe... Entre os seus voltar, a S. Paulo, dalli
Partindo da caudal das aguas de Guaicuhy,
Varar de novo a brenha, e as serras, de uma em uma,
Galgar, entre o nevoeiro e as cortinas de bruma.
Transpôr, por outra vez, os rios transbordando,
Ouvindo ao cangussú o ronco formidando;
Os dias sob a sélva, a ramaria espessa
Que véda a luz do sol, sem que, por ella, desça
Mais que a penumbra gris de um cinzeo fim de dia,
E, por final, chegar entre os seus! A alegria
De entrar, grandioso, a villa, elle, o conquistador
Das minas, e o saudar, nobre, o governador,
E declaral-o heróe.

O seu surrão desata:
São seixos de esmeraldas e matacões de prata...

Assim, pensa Fernão. Ha de voltar. E, immoto,
Em seu sonho se quêda... E, lembrando o seu voto,
Levar arrôbas de ouro e refazer a egreja
De taipas que deixara, e em que a Virgem alveja

A face angelical. Ha de voltar, e ouvir
A' margem do Tieté, o sino a retinir.
Ha de ir em oração, junto ás plantas divinas,
O seu voto cumprir e dar graças de ter
Tornado ao velho lar, vaidoso de volver,
De feito, vencedor: Capitão-Mór das Minas.

III

E' sombra do que foi a ousada companhia.

Ha um presago silencio. E' ao fim de um longo dia.
Os fógos do arraial se espalham na esplanada,
Como luzes no céo em noite estrellejada.
Para o norte, ao sertão, occulto, o Itacambyra,
Perdido na distancia, ao sul a Amantiquira...
E o perlongo sem fim da estrada interrompida
Dos rios em caudal, das serras, e a aguerrida
Nação dos Cataguá... E o lar, a esposa, os filhos
Ficam muito mais longe. O caminho se perde
Entre a matta a crescer, entre o diluvio verde
Da selva a reviçar, a refazer os trilhos

Abertos na incursão, em busca do thesouro
Das pedras de esmeralda e das pepitas de ouro.

Não é todo o arraial mais que casas ligeiras
De troncos e sapé. E, por perto, as primeiras
Roças. O milharal apendôa as espigas.
E quanto lhes custou, que exhaustivas fadigas
Fazer vingar a roça! A matta resistia
Ao golpe do machado, atroante, que a feria.
E, buscando, na terra, a força, exuberante,
Mais formosa, viçava! E, no seu verde guante,
Cingia o milharal e lhe extinguia a vida.

O homem sentia alli, aos poucos, comballida
A fé que o conduzira ao meio dos sertões,
Accêso da cobiça, ás rudes incursões;
Na luta desegual, entre elle e a Natureza,
Era esta quem vencia; elle era, emfim, a presa
Da força vegetal a defender a terra.
Cresce-lhe em de redor a mattaria, e o cérra
Num circo que se faz, cada hora, mais estreito,
Apaga-lhe o caminho, abre-lhe os braços: leito
Em que venha a tombar, em soturno abandono,
Para dormir, em paz, o derradeiro somno.

Mas, trêda, sobretudo, a Morte escaveirada
Entra no acampamento.
E leva-a a « carneirada »:
Corre, por um momento, á espinha, um calafrio;
Uma ancia, um abandono. Emfim um arrepio.
Depois, a pelle queima, incendêia-se, abraza,
Sécca a bocca, de sêde, é todo o corpo em braza.
Amortece-se a luz dos olhos, e, no leito
Tomba como um vencido. Arqueja e, no seu peito,
Sente que o coração, enlouquecido, bate.
Vem o delirio após, e, ás vezes, o combate,
Bem rapido, termina... E morre, escancarado
O olhar, olhando o nada, aberto, apavorado!

IV

Quem póde supportar o inferno do sertão?
É preciso voltar, e fugir do roldão
Da morte que levou metade da « bandeira »,
Morte que espreita os mais, terrivel e traiçoeira,
Que surge á beira da agua, e, de chofre, reponta
No meio da clareira, ou trémula, na ponta
Da flecha envenenada, assalta de improviso...
Voltar, rever o lar! Voltar faz-se preciso.

Mas o orgulho, o valor do chefe Fernão Dias
Não permittem voltar. Que valem agonias,
Penas e soffrimento, e mortes, e tortura,
A vida do sertão, mais aspera, mais dura,

Si é para dar ao rei arrôbas e montões
De prata e de esmeralda?! E não tem dos poltrões
Elle, a correr-lhe, o sangue. Ha de tornar, é certo,
Em dia que ha de vir, e que presente perto.

Mas levará comsigo amostras da riqueza,
Que ha de arrancar do seio á bruta Natureza:
A prata levará e as esmeraldas finas,
Emfim, ha de voltar Capitão-Mór das Minas.
Ha de ficar alli a « bandeira », e, por deante,
Ainda proseguir.
Assim tem declarado,
Energico na voz, o chefe bandeirante,
Erguendo, no ar, a mão, em gesto arrebatado.

V

Ficar? Si isto é a morte, ao lento, pouco a pouco,
Apertado na selva!... É de obstinado e louco.
Sete annos se extinguir!... E quantos ficarão,
Da gente que, sem fé, ora á «bandeira» resta,
Á sombra secular, em meio da floresta,
Sete palmos, abaixo, excavados no chão?

Dos homens da «bandeira», um delles, José Dias,
Bronzeado mameluco, a quem as ousadias
Fizeram respeitado, em trevas, entre a gente
Trama a conspiração: Um dia, de repente,
Ao fim de uma revolta, os homens prenderão
Os chefes: Fernão Paes, o duro capitão,

Garcia e Borba Gato. Hão de os fazer, assim,
Aos lares regressar, e retornar, emfim
Ás terras de S. Paulo. Hão de tornar á villa,
Entrar Piratininga, ensombrada e tranquilla:
Em vez de conduzir os thesouros, as gemas,
Ha de voltar Fernão, carregado de algemas.

Solerte, o capitão surprehende os que conspiram.
Treme do que, na tréva, os ouvidos ouviram...
Querem leval-o e aos seus, sob o peso dos ferros,
De certo, em zombaria, entre selvagens berros!
Voltar como um galé, elle, o seu chefe?!... Não!
Velho, mas valoroso, alli, nesse sertão,
Ninguem o ha de vencer! E nunca o seu valor
Affronta soffrerá, seja em que parte fôr!
Não lhe hão de deshonrar as cãs, a elle, o valente,
O chefe que talou as terras de Goyaz,
Que tribus extinguira!... E a elle e á sua gente
Pretende-se prender, e deshonral-o!...

Mas...

O chefe, o mameluco...

O seu olhar, parado,
Fica numa visão... Tanto tempo passado!

Uma india de Goyaz!... Que linda! Elle a levou
Comsigo. Era formosa. A morte a arrebatou...
Ficou-lhe esse menino... E' seu filho, é seu pae...
Quer deshonral-o o filho, e a revolta prepara!

Mas levanta a cabeça, olha em redor, e sáe,
E a densa escuridão, como uma sombra, vára.

VI

Em armas, á manhã, todo o arraial fremia.
Mal repontara o sol, mal despontara o dia,
Aquelles do motim, entre algemas, surpresos,
Á presença do chefe eram levados, presos.
Qual delles o cabeça, o que urdia a traição?

Era elle, o mameluco. . . .

Impassivel, Fernão,
Sem um tremor na voz, sem se lhe ver no rosto,
Siquer a contracção traiçoeira de um desgosto,
Ordena que, sem mais do que um breve intervalo,
Façam, em frente aos seus, numa estaca, enforcal-o!

VII

Em meio da esplanada, e pendente do braço
Da forca, no abandono, oscillando no espaço,
Um pendulo macabro! Os olhos escancara.
E, agitado do vento, o balanço não pára.
Sobra-lhe a lingua á bocca, aberta, em convulsão,
E se lhe crispa, em raiva, enfurecida, a mão.
Tem tumido, congesto, o rosto contorsido,
Como a mascara do odio. O labio é ennegrecido,
E fére-lhe o pescoço a corda do baraço.
Ficam nessa feição revôlta, em cada traço,
A raiva, a maldição que, em colera, trabalham.
E na orbita, sangrenta, os olhos se esbogalham,

Fitando em desafio, ameaçando, sem voz,
Sósinho, em face ao céo, a impavidez do algoz!

Contempla Fernão Paes, em frente, o justiçado,
Vê da orbita rasgada aquelle olhar parado
Sellado pela morte. O derradeiro brilho
Morreu-lhe na retina, á forca! Elle, o seu filho!
O pae lhe fôra o juiz, o pae, o executor!

Sem sombra de pesar, sem contracção de dor,
Olha, em frente, o enforcado; e,
«Do alto dessa viga
Seja o cadaver, diz, levado á sepultura».

E accrescentou depois, em voz segura:

«E, em busca da esmeralda, a expedição prosiga!»

ESPHYNGE

*

TRANSFORMISMO

Vindo do Cáhos, ha mil milennios, era
Bem que eu guardasse, posto fugidia,
A lembrança de tudo que tivera
Sido pelas edades, dia a dia.

Fui mineral, a lava da cratera,
Carbono, azoto fui... o plasma... Via
Subir-me pela escala: ser monera,
Ser arvore na terra, então vasia.

Insecto, amphibio, passaro... A jornada
Adeante... Fui jaguar de presa afiada;
Atrôando a selva, erra terrivel ver-me.

E, oh, vaidade! quem ha de ora dizer-me
A mim quem sou, si ainda, hontem, era verme,
E, hoje, « homo sapiens ». « Homo sapiens? » Nada!

ESPECTROS

A casa em que, hoje, móro era um convento,
E o meu quarto foi cella de uma freira.
Tem as paredes lisas o aposento,
Lembra orações, a santidade cheira.

Nelle, em scismas profundas, desattento
Ao que, por fórà, vai, na terra inteira,
Medito, emquanto o tempo escôa, lento,
Como asceta, fitando uma caveira.

Os sonhos todos vãos que vós não vêdes,
Os suspiros da freira, entre as paredes
Grossas, de pedra, todos aqui estão.

O ambiente em que ora vivo é delles cheio,
E bem sinto que, em torno, esvoaça o ancêio
Sonhado em vão e desejado em vão.

PARA QUÊ

Sou como fôra alguem no Kósmos extraviado,
Sem memoria de como e de onde se embarcara,
E, em pleno turbilhão, por um momento, pára,
Sem ter como indagar do Destino ou do Fado.

Não conheço ninguem. De mim mesmo ignorado
Sou. E a incerteza, em tudo, a meus olhos depara.
O meu nome? Não sei. Nem penso por que rara
Coincidencia, me encontro, em mim mesmo, fechado.

De onde vim e que sou? Uma bôlha que vai,
Levada, ao léo, ao vento, ou sobe, ou desce, ou cái...
De onde vem? A que fim? Que cousa significa?

E a dúvida, afinal, nem ella me consome!
Devo vir de um paiz remoto, cujo nome
Não me recordo mais, e não sei onde fica.

———

INDAGAÇÃO

Vã, torturada inania, a tréva em que perdura
O pensamento em meio ás vãs cogitações,
E as causas desvendar, terrifico, procura,
Das duvidas finaes, entre interrogações.

Quem nos dirá de que, por que ventura,
Nós estamos aqui? E o riso? E as affliçôes?
E as carnagens? E o mal?... A dúvida perdura.
Mas, homem que és «alguem» no amplo Kósmos, suppões

Pelo espaço infinito, eu os orbes perscruto.
Entre elles, aos billiões, a Terra, inutil, é
Um grão de poeira, e só! E que pensas, então?

Na Eternidade, a vida é menos que um minuto,
E, verme transitorio, em toda a Creação,
Tens systemas, e sciencia, e blasfemias, e fé!

ETERNO CIRCULO

Tenho de ser, no circulo fatal,
O vago, o inerte pó de que provim,
Na mutação continua, universal,
E tornar-me ao principio, isto é, ao fim.

Que é a vida ou a morte, ao todo, que é? E qual
A differença ao atomo que, assim,
Possa dizer: «morreu»? Mas, que signal
Da vida seja o «não» e não o «sim»?

Posso, nas fórmas todas que tiver,
Ser pollen da aza de um papillo, ser
Corolla de ouro em frondes reflorindo,

Mas é melhor ser pó, um grão de areia
Levado á ventania que estrondêia,
De um turbilhão no vortice rugindo.

— ---

A DOR

A sciencia não achou a fórmula precisa
De uma sabedoria, mestra da existencia.
Que é a philosophia? E a indecifravel sciencia,
Ante o que se não tóca e que é, aos olhos, invisa?

Foi inventado um Deus. O bem se preconisa,
A contrapôr-se ao mal. Para o crime a clemencia.
E as crentes orações? O bem da penitencia,
E que a carne quebranta, a alma espiritualiza?

E a fátua humanidade pensa, sem ser triste,
Num céo que ninguem viu, e, mais, cujo logar
Não conhece, e não sabe em que cousa consiste.

Na analyse final, porém, entre o pavor,
Tu vaes reconhecer que, só, ha de ficar
Um pôlvo colossal e insaciavel, a Dor!

INTERROGAÇÃO

As mãos em cruz puzeram-te no peito,
Os olhos te cerraram... Até quando?
E, dormirás, eternamente, feito
A argila, a terra, o pó vil, miserando?

Eu e outros te levamos para o leito,
Na cóva, e te deixamos entre o bando
De outras cóvas. E, assim, como é preceito,
Não te faltaram boccas soluçando.

Eu não. Mas, em silencio, cogitava
Si a morte é mesmo a morte. Lado a lado,
Tinha a saber si o derradeiro pouso

Era esse mesmo, ou não. E me indagava:
«No chão, esse rectangulo cavado
É a porta aberta ao «Nada» temeroso?»

IGNORANCIA

Bradas, no teu tormento, ergues a mão
Toda trémula ao céo, que, bem conheces,
Não é céo, mas espaço, e, na afflicção,
Dizes, em mente, formulas de preces.

Meu companheiro, amigo, meu irmão!
Ordem na tua dor! Bem sei que esqueces
Que, á analyse pausada da razão,
De « Lá » não vem soccorro ao que padeces.

*

Toda a sciencia sorveste. Nada ignoras.
Mas, tudo conhecendo, te apavoras,
Na hora final, no termo da existencia.

Clamas, imprécas, choras!... É a partida
Fatal? Calma. Que existe, antes da vida,
E após a vida? Onde está, pois, a sciencia?

O PAVOR DO «FIM»

Não cogitar no «fim». É o pesadelo,
O abantesma fatal, de garra aberta.
Não basta a vida inteira para vel-o,
Cada hora, em torno a ti, seu cerco aperta.

Foste-lhe entregue e trazes o seu sello.
Não lhe escapas ao golpe da mão certa.
Mais dia, menos dia, no mais bello
Instante, eil-o comtigo, á frente, alerta.

Não perde nunca a presa. Não se soube
De alguem ter-lhe escapado. Por que o tema,
Ninguem lhe foge ás garras aceradas.

De encontral-o mais cedo o bem te coube:
E que valor tu dás neste problema,
Ao X das duas tibias encruzadas?

———

FORÇA CONTRA FORÇA

Não do seio do bem que, á humanidade,
Abrindo, leve, as azas, é que vem
A paz. A mansidão, a suavidade
De injustiças, não guardam a ninguem.

O bom ha de ser fraco, que á bondade
O mal mesmo enternece. E quem não tem
Sentido de ser terno, si a piedade
Dá-lhe mais soffrimento do que bem?

E é na força, no egoismo que se assenta,
Portanto, a paz? Si são os lobos tantos,
A rondar os redis! Oh, quereriam

Fraternidade? As féras afugenta
Quem? e as penas, as lastimas, os prantos?!
Sem cães, como as ovelhas viveriam?

———

ENTRE LOBOS

Si vale ser-se bom! Recorda-te d'Aquelle
Que só fazia o bem e tinha para as más
Acções sempre o perdão... E que fizeram delle?
Pregaram-no na cruz... e Elle pregoava a paz!

Nem todo o bem semeado o bem produz. A imbelle
Victima sempre boa e todo mal serás,
Si tu não fôres máo. A tua propria pelle
Alguem te levará, e os teus olhos, voraz,

Entre os chacaes, é bem ser-se mais um chacal!
De fauce escancarada, hei de rugir tambem,
Si, pelo bem, chacal não domo, nem enjaulo.

Ser bom, ser máo... Hamleto, ante o fatal
« Ser ou não ser », vacillo em que melhor será:
Ser Muzzollino, ou ser São Vicente de Paulo.

SABEDORIA

É a vida assim. Deixal-a ir á tôa!
Quem a conduz e inspira? Qual seu fim?
De que serve ser má, ser triste ou boa?
Inutil cogitar. É a vida assim!

Que existe, por final, que nos não dôa
Ao fundo do sentir? Dirás a mim
O que me impelle á vida e me atordôa
De pensar porque sou e de onde vim?

Melhor ser planta ou pedra. Menos má;
É a vida, sem pensar. Si eu não pensar,
Eu mesmo, em tudo, e não temer? Eu temo?

Não! É deixar. É ser o que será:
Uma náo por um mar, assim, deixar,
E sem mastro, e sem bussola, e sem remo!

OBRA MÁ

Alguem, num máo momento, é que teria,
Ordenando do Cáhos a confusão,
Feito o que existe ahi: a noite, o dia,
Mundos, vida, onde era nada, então.

E um animal sómente poderia
O homem ter feito em meio da Creação,
Que bem lhe trouxe um cerebro? Devia
Ser como um chimpanzé, um sapo, um cão.

E a sciencia? E a arte? E a cobiça? E o amor? E a fé?
E o trabalho? E o soffrer? Oh, tudo isto é
Uma obra deploravel, desastrada.

E o homem, sem tregua, em tudo, atormentado!
Si tinha de acabar, mal acabado,
Melhor seria não ter feito nada!

O MELHOR BEM

Ha quem cobice a gloria e o nome queira
Deixar não esquecido na memoria.
Por alcançal-o, pela vida inteira,
Matam-se a cada instante. É isto a gloria!

Tão futil figurar na humana historia!
Que é ser heróe, ou sabio, ou de guerreira
Fama, si a vida, mais que transitoria,
Na eternidade, é um atomo de poeira?

Grão de arêia, molecula sem nome,
Cellula, vida de um segundo, morte,
E que á materia sáe, nella se some.

Melhor bem é ser certo de não ser,
Ou, pela vida, abandonar-se á sorte,
Sem consciencia de ser ou de viver.

O QUE FÔRA MELHOR

Que era eu, antes de ser? E que sou, em resumo?
Ao certo, não alcanço. Era, de todo, nada:
A crôsta do planeta, ou, simplesmente, fumo,
Ou mole mineral, complexa, argamassada.

Era muito melhor ser o que fui, presumo,
Si o bem maior que existe, a paz mais desejada,
É aquelle de não ser. E cogitar costumo
Na ventura sem fim, no Não-ser integrada.

Um cerebro que pensa, uma alma que deseja,
Em lustros de tortura e gosos de uns instantes,
É o que supponho e creio, em resumo, que eu seja.

Antes, pois, ser o que era! Em tudo é menos máo.
Sem cerebro, sem dor, sem alegrias... Antes,
Não ter nascido, e ser um penhasco, um calháo.

VŒ SOLI?

É menos desditoso quem do mundo
Se aparta e do seu trato se retira.
Tranquillo se mergulha no profundo
Silencio, o maior goso que sentira.

Do mar das tuas penas desce ao fundo:
Aos que te cercam ouve, a face mira,
E sentirás de que é tudo oriundo,
E a dor que no seu cerco te cingira.

Dá balanço ao teu tempo e á tua vida:
Boas ou más, reconta, uma por uma,
As horas da ventura e as do teu dó.

E, da somma final, toda, vivida,
Nenhuma hora passou, certo, nenhuma,
Melhor que todas em que foste só.

NOITE NO CAMPO

De onde este magnetismo, esta anciedade,
Que, neste ermo de sombra, me acompanha?
Vem do espaço, talvez, da immensidade,
Da planura, do céo, ou da montanha.

O silencio da noite a gléba invade,
Toda é mancha de escuro esta campanha.
Que transborda de mim? Uma saudade
Do que não alcancei. E ella é tamanha!

E, como um ente só, num mundo morto,
Vou, na tréva, perdido. E, assim, absorto,
Em extases, ao alto, volto a face:

Pulverisado de ouro é o firmamento,
E uma estrella, de longe, o olhar attento
Abre, como si, em ancia, me velasse.

CONSELHO

Irmão! sob a dalmatica que cinge
Até teus olhos, para que não vejas
A alegria e o pesar, como uma esphynge,
Impassivel, sem lagrimas, não sejas.

Abre o teu seio á dor, a que constringe,
Como um nó, a garganta. Si tu almejas
Um bem não alcançado, olha, se attinge,
Través a dor o bem. Entre as pelejas,

Travadas no teu intimo, prefére
Toda a que um sulco de pesar te grava,
Na fronte, e tira-te o repouso e a calma.

Oh! abençoada seja a mão que fére,
Essa que o ferro da paixão te crava,
Como uma adaga de ouro, em meio da alma!

CONSOLAÇÃO?

Entre a extensão dos males, alumia
A fé todo o negror do pensamento:
Ha de vir, no final de uma agonia,
A bemaventurança, oh, pois, alento!

A cada soffrimento, um goso. Um dia
Virá o premio á pena. Sem lamento,
A tortura se affronte! O sol radia,
Após a noite, e a vida é de um momento!

Assim nos falam, cada instante. É boa!
Quem quer ser desgraçado nesta vida,
Em troca ao bem que tanto se apregôa?

Isto é verdade? Isto é verdade? Entanto,
Porque a luta tremenda, fratricida,
Em busca do prazer e do milhão?

BONDOSA FANTASIA

Contenta-me suppôr tudo verdade:
Systemas, sciencia, Deus, philosophias,
Conjecturas, hypotheses... Quem ha de
Dizer o «sim» e o «não» ás fantasias?

Força, materia, numero... Ousadias
Fossem tudo da afoita Humanidade,
E não passassem todas as theorias
De uma invenção, ou de uma fatuidade?!

E toda a construcção do pensamento,
De seculos, ruir! Ser tudo nada,
Na mentira final, ser tudo vão!...

Mas antes crer. Eu creio, eu me contento.
E, si tudo é mentira, oh, abençoada
Mentira, nuvem de ouro da illuzão!

INCLEMENTE

O instavel bem, onde elle se insinua?
Existe no ouro, sempre cobiçado,
Cujo desejo corações apúa?
Mas, entre o ouro, suspira-se de enfado.

No goso dos sentidos? Tumultua
O prazer. É verdade que, a seu lado,
A dor se esquece, lacerante, crua,
Em alegrias, risos, atordoado?

Nunca estamos, em tudo, satisfeito.
Nem se exaltando, em extase, ao perfeito
Da arte, a ventura, nitida, depara.

Que, pois, em tudo, esta tristeza espalha
E, a cada instante, o espirito trabalha?
— É que a fome do cerebro não pára.

SONHO

Felicidade no desejo, anceio
Da conquista do bem mais desejado!
É com a pena do sonho que, máo grado
Nosso, a ventura vive de permeio.

O que nós alcançámos e nos veio
Ás mãos vale tão pouco! Afortunado
Anno de raiva e duvida e receio!...
E o fastio de haver o bem gosado?

Não é um bem palpavel a ventura:
É tão fugaz... Existe, porventura,
Um bem, bem integral, um bem perfeito?

Não te afoites, então. Vai cauteloso:
Ventura é desejar, sonhando o goso,
Não o enfaro do goso satisfeito.

———

ETERNO PROBLEMA

Antes buscal-o ao fundo da consciencia,
Já que os systemas todos e as theorias
E os dictames e as formulas da sciencia
Não te aclaram nas tuas agonias.

Diz-se que existe, entanto, a Omnipotencia...
Basta de cogitar nas fantasias
Urdidas de bondade e de clemencia
Para a amargura reduzir dos dias.

Pensa bem no destino e no pavor
Do que te aguarda: o ser o que, antes, eras,
Tu que, dos vivos, julgas-te o maior.

Pensa, e vaidade, a vista desvairada,
Bradas, cérras os punhos, desespéras,
Mas não consegues comprehendel-o, ao « Nada »!

PALAVRAS DE UM SANTO

Do Alto, como um espirito perfeito,
Rolei ao Cáhos e, ao Kósmos integrado,
Sinto que sou jungido num estreito,
Que me constringe, ergastulo fechado.

Que crimes e que males tenho feito?
De implacavel sentença fulminado,
Como um chelonio, visto, contrafeito,
Um corpo que me deu destino ou fado.

*

Nem posso o pensamento, alto, levar
Adonde vim... Impedem-mo os sentidos:
A luz, o olfacto, o gosto, o tacto, o som...

O que me cerca é amargo como o mar:
Tenho odios, como todos, ais, rugidos...
Não quizera ser máo... e não sou bom.

INQUISITORIAL

Nunca dizer-se na palavra humana
O que a palavra humana não comporta!
Não no rigor da phrase soberana,
Mas, de forma imprecisa, fria, morta:

Sem que a idéa, na plastica profana,
Que em relevo pagão, bruto, recorta,
Eras resiste e assombre, sobrehumana,
Que a ser obra de deuses tanto importa.

Mas urdir-se um trabalho obscuro quasi,
Que uma existencia nem, ao menos, dura!
— Morre a idéa no ergastulo da phrase.

E nunca vem á luz do firmamento,
Mas se extorse, á polé, numa tortura,
Na masmorra do craneo, o pensamento!

COMPANHEIRA

Não sei mesmo de quando, um vulto amigo,
Ou não, fantasma, sombra, espectro, duende,
Roça-me, flanco a flanco, anda commigo,
E o rosto sobre mim, á noite, pende.

Vem, talvez, de milennios. Não maldigo
Essa sombra calada. É esguia e estende,
A mão, que longa, de um marfim antigo,
Num gesto que é um enigma e não se entende.

Não lhe indago quem é e que deseja,
E, menos, quiz saber de onde provém,
Si é uma sombra maldosa ou bemfazeja.

Não saberei o que me queres, nem
Quem és, ó sombra indecifravel! Seja!
Irmã, amiga, companheira, alguem!

O FUTURO DA TERRA

Hão de cessar da Terra os trépidos rumores
Todos da vida, e a calma immensa, apavorante
Encobrirá, um dia, os ultimos clamores.
A ultima voz terá seu derradeiro instante.

Será como um planeta extincto, entre os fulgores
Dos sóes, e, no Universo, a curva scintillante,
Na piedade do cyrio, a immensidão das dores
Envolverá do Globo, outróra palpitante.

A sciencia, o orgulho vão, as ancias, a esperança,
As ambições, o amor, os odios, a vingança,
A fé! Não restará de tudo um tenue traço.

E a Terra, morta, ha de ir, assim, um ponto escuro
E anonymo, a rolar, no infindavel futuro,
Pelo infinito tempo, e no infinito espaço.

ESPHYNGE

De seis mil annos, guarda á porta do mysterio,
Salve, interrogação á terrivel verdade,
Immota em seu sinistro, inextricado imperio,
Na rocha, a resistir ás erosões da edade!

Dos seculos em par á rude potestade,
Á agua do céo, do vento ao rispido improperio,
O granito perdura! E dorme á claridade
A Esphynge, erma, do dômo em turqueza, sidereo.

As gerações hão de ir. As éras passarão,
E o homem audaz que o fita, em frente do deserto,
A perscrutar o enigma esse colosso instiga.

E, as garras sob a arêia, a immensa Indecisão
A pupilla escancára e o vago olhar incerto
De olhos ôcos, de pedra, o intérmino investiga.

ESTANCIAS DE VENTURA

I

Flor, que as bençams da paz, como graça, derramas,
Na adustão de uma vida, e, na sáfara e morta,
Terra da solidão, ergues as leves ramas,
Cuja sombra sem par este sonho recorta!

Vingas neste deserto, assim como um espique
De elevada palmeira em meio das arêias,
Que as espathas abrindo, os ares purifique,
E do perfume attráia as azas das colmeias.

E, elevando, no azul, os leques de esperança,
Entre a Terra e entre o Céo, uma verde baliza,
É para o triste olhar, o ponto em que descansa,
Fronde que a vastidão erma espiritualiza.

Dás á pena e ao suspiro a acolhida de um seio
Que a quentura do amor, consolativa, abraza,
E dás ao que, sonhando, ao teu affecto veio
O aconchego da pluma e a doçura de uma aza.

E, sob a vaga ebriez do perfume e do vinho,
Pela sanguinea taça, em extase, libado,
Ao commovido olhar, o terreno maninho
Da existencia é um rosal todo em luzes banhado.

E, como em socegado e tranquillo recanto,
Pela estancia radiosa em que este amor perdura,
Limitado do olhar, do riso, e do teu canto,
A cardos de afflicção pões flores de ventura.

O retiro da paz, deste sonho coberto,
Como si fosse o céo encurvado sobre elle,
O faz, é bem, do céo, talvez, muito mais perto,
E as alturas do céo nossas almas impelle.

Porque, si o goso da alma as almas purifica
E a candura conduz, esse lirio, essa pluma,
Que tu és, me transforma e os sonhos santifica:
Menos da Terra e mais do Céo, me faz, em summa.

Si do teu seio o arfar, em emoção, estudo,
E, a escutal-o, em enlêvo, os seus anceios sondo,
De um mundo estranho vou, tremulamente e mudo,
Toda a historia sentida, aos poucos, recompondo.

É que sob a camelia entreaberta, o teu seio,
Ha lembrança da flor, de ave, berços e resas,
Num santuario de rosa, assim como, no meio
De um olhar descuidoso, as lagrimas represas.

E todas ellas são a commovente nota
Do inquieto coração que, em ancêios fenece,
A sonhar toda a quadra afastada e remota
Do tempo em que foi flor, ave, sussurro e prece.

E, si era, antes, vasia a alma, como vasio
É um terreno sem planta, onde uma ave não vôa,
Refloriste-o, bem como o alvo vêio de um rio
Fertiliza um deserto e em flores o abotôa.

Sob este amor, agora, uma vida se abriga,
Nem penas ha, pesar que esta ventura vençam.
Pois que á sombra desta alma este sonho prosiga
Como á sombra de um lirio, e á graça de uma bençam!

II

O teu amor é como uma encantada e invisa
Terra que a um coração quasi exhausto depara
E a ventura propina, a vida emparadisa,
Põe olvido ao pesar, ao soffrimento sara.

Enflorido rincão que as penas acalenta,
Cujo encanto maior é imperceptivel como
O insurprehendivel bem que, em atomos, rebenta
A florir a oliveira, o myrto, e o cynamomo.

*

Nelle, a paz de um paiz, toda a vida buscado,
Como num sonho vão, que consola e que é sonho,
Imprevisto, radia. Emfim, neste encantado
Bem infinito tóco e nelle os olhos ponho.

E que orgulho é maior do que o orgulho de tel-o
O sonho desejado a gloria de possuil-a!
Minha fronte perder nesse escuro cabello,
Meu olhar um olhar, que é uma tréva, tranquilla?

E sentil-a é sentir renovar, cada dia,
Como outra mocidade, outra vez, renascendo,
A coragem, a força, a bravura, a energia,
De um semideus heróe a contextura tendo.

E, tal um doutor Fausto, os segredos da vida,
Entre as combinações alchimicas achasse,
De encontrar, já tão tarde, essa alma presentida,
Cada fibra, de novo, e, subito, renasce.

Toda a emotividade adormecida na calma
Da vaga e socegada existencia, ora acorda,
E, entontecida, inquieta, agitada, toda a alma,
Tumultuando em affecto, em ternura transborda.

E, has de vir a este amor. Esperal-o não cansa.
As minhas emoções analyso, e componho
O céo que me virá, no fim desta esperança
De ter e de abraçar a verdade do sonho.

E, abraçando o vasio, e os espaços beijando,
Num remoinho, anceando, em assomo, te chamo,
A esperar este amor, a esperal-o, clamando,
Tal si ouvisses-me a voz: eu te amo, eu te amo, eu te amo.

POEMA TRUNCADO

I

A PALMEIRA

Bem faz a viração, soprando leve,
E o leque de esmeralda á luz lhe abrindo,
Leque que lembra a ventarola breve,
Tão alta! aberta sobre um seio lindo.

E o solo, terras sáfaras, não teve
Mais que este espique, folhas sacudindo
De côma verde, mas um verde infindo
De flores flavas ou de côr da neve.

Que doce é vel-a neste sitio brando,
Rico de sol, sonoro de gorgeios,
Num enxame de abelhas que lhe dança

Em torno, e as azas zumbe! Ramalhando,
A suggestão das folhas em meneios,
Acenando-me, é um gesto de esperança.

II

SÓ!

Não vem! E a letra, tremula de anceio,
Tem curvas de soluços... Angustiado,
Este papel traz lagrimas no seio
E profundo pesar enclausurado.

Lauda em que a mão afflicta poz em meio
Agonias, em gesto torturado,
E que, os olhos em lagrimas, releio,
Na minha desventura mergulhado.

Esta folha saudosa e triste, lendo,
Em meio da afflicção e da tortura,
E de mortal, tristissima agonia,

Sinto que a dor, as garras estendendo,
Augmenta, cresce, alarga, desmesura,
E que a lente das lagrimas a amplia.

III

DEPOIS DA CHUVA

Olha! Como referve e borbotôa
A agua da chuva, no escampado, fóra!
Antes, turvado o céo, mas como, agora,
Lava-se na agua. Como a chuva é boa!

Crespa, roncando, lúrida, escachôa
A agua. A palmeira, tal como quem chora,
Tem gottas de agua que do sol se córa,
E são diamantes a brilhar, á tôa.

Tu te affliges e tremes. . . Entristeces. . .
Um lar todo se foi na correnteza,
Aquelle lar á beira do caminho.

Mortos de certo, dous . . Elles vão nesses
Rôlos dagua barrenta, com certeza,
Pois que, vasio, nelles vai o ninho.

IV

EM PASSEIO

Amazona gentil, á frente, em branco
Ginete, ella, uma flor alva, de neve,
Vai. De uma e de outra parte, no barranco,
As quaresmas florescem. A mão breve

Sustém as rédeas. Para um lado, o arranco
De uma escalada rispida a reteve...
Foi quando a um salto, desmontando, a um tranco
Tomei-lhe a mão, e o corpo brando e leve

Pousei em terra. Á frente era a subida,
E, da esquerda, a torrente rebentava,
Em escachôos de espuma, rouquejando.

Nisto, em chofre, emoção nunca sentida
Correu-me os nervos... Tão de perto estava
Ella, que ouvi seu coração pulsando!

V

NUMA TORRENTE

Dos rochedos suspensos, as vermelhas
Fuchsias de sangue lindamente pendem.
Anda em torno a aza de ouro das abelhas,
E zumbidos confusos, no ar, estendem.

Nossos passos os bandos já surprehendem
Das borboletas que, como corbelhas
De flores, no caminho, o vôo emprehendem,
Muitas: em bando, aos grupos, ás parelhas.

Pousadas junto ao córrego, levantam,
Como em nuvem, o vôo... É assim que fazes
Aos pensamentos máos que me supplantam

As alegrias. Si o teu vulto passa,
E si te escuto a musica das phrases,
Fogem deante de ti, da tua graça.

VI

O MOINHO DAGUA

Parte de cima, vai, torcicolleja,
Na encosta, o rego, e, abruptamente, desce,
A ronronar no moinho que apparece
E, de entre os canniçaes, perto branqueja.

Passa a estrada de um lado. Uma narceja
Rasga os ares num vôo... Mas não esquece
A gente aquelle moinho! Sem que o veja,
O seu «ru-ru», no fundo valle, cresce.

*

Vamos sósinhos no vargedo extenso,
Florescem no vallado, de outra banda,
As bougainvilleas carmezins... Dir-te-ia,

Si perguntasses em que penso: «Penso
Que é como um moinho o coração: elle anda
Moendo penas e penas, noite e dia.»

VII

O JEQUITIBÁ

Remanesce da némura e versuda
Selva de troncos rijos, isolada,
Esta immensa myrtacea ramalhuda
Que avulta ao sol, na curva desta estrada.

Que destino este, o seu, que se não muda!
A selva se sumiu... Presa exilada,
Esta ravina sáfara transmuda,
Dá-lhe o goso da sombra desejada.

Ficou só na clareira. Outras, em bando,
Longe frondescem, e, sob ella, vamos
A pensar: «Que má sorte a sorte de uma

Arvore que, sózinha, o caule apruma,
E trazidos tem, só, do vento, o brando
Cheiro das flores, o gemer dos ramos.»

VIII

A PONTE

Caminho a um lado e do outro lado. A grota
Ao meio. Entre espadanas, espumeja
Ao fundo, o rio, rouquejando, e a nota
Estertorosa de um clamor troveja.

Transpondo o rio, a ponte, á luz branqueja,
Sobre a revôlta e crespa, ondeante e mota
Agua, num arco pleno, e, é bem se veja,
Pesada, antiga, secular, remota.

É uma fita de saibro a estrada. Á beira
Da agua, a conduz a ponte do outro lado,
E vermelha e accurvada, segue adeante.

Á luz, tombada do alto, da soalheira,
As tropas vão, as tropas vêm, cansado
O passo, a venta, ao sol, resfolegante.

IX

A SELVA

Não reparaste em como o vento traz,
Ás vezes, vozes, sussurrar de ramos,
Gritos, pipillos e chilrêios, faz
Proximo a nós a selva que avistamos?

Pequeno mundo aquelle, logo atraz
Daquelle troncos de asperos recamos
De vivos lichens! Nosso passo audaz
Ha de pisal-o, como aqui pisamos.

As seccas folhas mortas dos outomnos
Juncam o solo. As comas viridescem,
Entre, das aves, gárrulos entonos.

E estes, serenas vozes doces tendo,
Ermos de sombra némura, parecem
Virgilianas bucolicas dizendo.

X

ADEANTE

Uma curva na estrada! A ramaria
De tons de bronze velho, alto, se enlaça
E se encruza em amplexos, e do dia
A forte luz da primavera embaça.

Do sol lá fóra, lucido radia
Claridades o céo, e aqui, em baça
Luz velada se côa na sombria
Coma do bosque, e, frouxamente, passa.

Nada te digo, nem te falo... As folhas
Gemem-te aos pés. Tremulamente, leio
Teus olhos e teu rosto. Ah, como me olhas,

E pendes para mim, como uma planta,
Bocca em febre, soluços na garganta,
Como um lirio ceifado, no meu seio.

XI

EPITHALAMIO

Sómente a doce voz ampla e sombria
Da ampla e sombria matta perfumada
Epithalamios a este amor devia
Calmo, elevar na paz edenisada.

E, no recesso flórido, se ouvia
Da rúmora espessura, atra, ensombrada
De cômas verdes, toda a symphonia
De azas, sussurros, ramalhar, vibrada.

Nem mais nem menos a este amor bastava
Vozes de ninhos, os tatalos leves
De azas em vôo, estridulos chilreios...

Nada mais, nada mais! Horas tão breves!
E o remexer dos ventos arrancava
Vozes ás frondes trépidas, ancêios...

IDÉAS E VISÕES

A ARTE

THÉO. GAUTIER

Sáe mais perfeita e trabalhada
E nobre e rara,
A obra, entre esforços, acabada:
Esmalte, verso, onyx, carrara...

Nada de adorno contrafeito
E joia falsa;
E, para que marches direito,
Musa, um cothurno estreito calça!

Despreza esse rythmo vulgar,
Como um sapato largo, a modo
    Que o possa todo
Pé descalçar e recalçar.

O proprio barro que na tua
Mão, esculptor, vive — si delle
Teu pensamento além fluctua,
    Forte, repelle!

Luta e porfia contra o paros
Duro e o carrara, a geito, apura,
Esses, os fieis guardas avaros
    Da Fórma pura.

Toma emprestado a Syracusa
O bronze fino e eterno, por
    Onde se accusa
O traço firme e encantador.

Tu, de mão leve, cuidadosa,
Na agatha firme, de buril
Talha em figura esplendorosa
Phebeo perfil.

Pintor, despreza as aquarellas,
E fixa a côr
Leve, das cousas mais singelas
No fôrno de um esmaltador.

E, das serêias
Azues, voltando, em convulsões,
As caudas leves, de algas cheias,
Faze as figuras dos brazões.

Dentro em seu limbo trilobado,
A Immaculada e o seu Jesus
Colloca e o Globo, este encimado
Da mesma cruz.

Tudo passa! Mas o robusto
Traço do Artista a eternidade
Resiste: o busto
Resta onde, outróra, foi cidade.

E, na medalha soterrada
Que acha, no campo, o lavrador
Fina, gravada,
Fica a imagem do imperador.

Os proprios deuses morrem . . . Não
Morrem, no entanto, os soberanos
Versos, que são
Bronzes eternos, contra os annos.

Talha, cinzela, lima e grava...
Teu sonho immenso, atormentado,
Na Fórma escrava
Fique num bloco eternizado!

HETOPADEXA

Tudo estudou e sabe, aprendeu tudo,
Os projectos cumpriu, fez o que quiz,
Os sonhos alcançou, e, sobretudo,
Sem cuidados, sem penas, é feliz

Quem, desdenhoso, as costas voltou para
A esperança e, sem mais, deixou-se estar,
Sem anceio, e a ventura toda ampara
Na paz do nada ser, nada aspirar.

RELAÇÃO FUNDAMENTAL

Cogita no que tu és. Sonda o espaço. Medita.
Mede a distancia ao sol, ás estrellas... Então?
É um «nada», um grão de pó a Terra, e nella habita
O homem que se diz ser, ou o é, rei da Creação.

Mas olha a gotta de agua. Olha-a através e ao fundo
Das lentes que lhe dão o abscondido segredo:
Nella, bem claro vês, é um complicado mundo:
E esmaga-o, num momento, a ponta de teu dedo.

O «FIM»

Não mais o perseguir, ao enigma obscuro
Em que, mudo, a pensar, eu me concentro,
Da vida milennar e que o futuro
É do que somos, seculos a dentro.

É a vida, cada dia, ler, assim
Como obra má em que o odio tumultua,
Voltando a lauda, ancioso pelo «Fim»
E, no final da lauda: «Continúa».

A PIEDADE

JÉAN AICARD

O homem não é, por fim, um tão triste animal!
Não se é máo, sem razão: um mal paga outro mal.
Sonda do coração a profunda guarida:
Toda alma que te fere é uma outra alma ferida,
E, si o não foi por ti, foi por teu semelhante;
Apresta-lhe, portanto, o balsamo calmante
De um conselho de paz. Todo agressor em furia
Responde a uma esquecida ou a uma recente injuria.
«Que é da tua ferida?» a quem te fére indaga
E o que o punge verás no horror da sua chaga.

Mostra-lhe o coração, mostra-lh'o. Em breve espaço,
Sem arma, o coração desarmou o seu braço.
Apenas de ser bom a bondade depende:
Um mal vem de outro mal, um odio outro odio acende;
E, para dirimir esta eterna questão,
Em vez de «Represalia», exclame-se: «Perdão!»

VIAJAR

IBNI ZIATI, ARABE

Olha a teus pés a terra, encara o firmamento
E ambos, em resumindo, o teu olhar comporte:
Uma firme e parada e um outro em movimento.

Não te aquietes em vão! Vale mais, é mais forte
Quem distancias percorre: os seus dias melhora,
Uma couraça adquire e desafia a sorte.

Si uma arvore pudesse aluir-se a qualquer hora
E, por seus passos, ir a percorrer a terra,
Havia de escapar á foice ceifadora

E a morte não teria aos dentes de uma serra.

VIDA

Vida, tão célere, passas,
Ou tão pesada te vaes.
Ao mesmo trilho que traças
Não voltarás nunca mais.

Si o bem, si o mal, si alegria
Ou si a tristeza deparas,
Não te detens, todavia,
E, como um rio, não páras.

E has de sempre ser assim,
Sempre velha e sempre nova?
Ou buscarás o teu fim,
De vez, ao fundo da cóva?

MEU SONHO FAMILIAR

PAUL VERLAINE

Tenho este sonho: existe uma mulher
Que eu não conheço e o seu carinho estende
Sobre os meus males todos, que me quer
Como eu a quero, emfim, que me comprehende.

Nem um pesar, nem uma dor siquer
Soffro sem que ella o sinta: ella me entende
E a grande dor que a minha fronte pende
Com seu pranto, ella faz amortecer.

É ella morena ou loura? Eu mesmo o ignoro.
Seu nome? É tão querido como o nome
Das pessoas amadas que morreram.

Olhos de estatua que um pesar consome!
Tem sua voz o timbre almo e sonoro
Das vozes caras que se emmudeceram.

— ——

ESPHYNGIANA

MME. L. ACKERMANN

Não tem o amor a se explicar, ao menos,
Um motivo profundo:
Dous olhos grandes e dous pés pequenos
Bastam a convencer a todo mundo...

E a este argumento retorquis, tão fundo?

CARTA

OUT. 12, S. PAULO.

É muito triste, em terra estranha, a gente
Ver do tempo a carreira costumada
Seguir, e tel-a, como esta, contada,
Assim, pela saudade, unicamente.

Ora, hoje chove continuadamente.
É pardacento o céo, faz frio, e cada
Fronde deixa a rolar pela calçada
Gottas que, do alto, tombam, de repente.

Da agua-furtada que me acolhe a pena,
Uma saleta lobrega e pequena,
Espio, e, fóra, a esta invernia assisto.

Atravessa-me o frio, e penso, mudo
Na tristeza do céo, de tudo, tudo,
Através desta magoa estranha, visto.

WORDS... WORDS...

«Palavras, leva-as o vento...»
Levasse-as, sim, de verdade,
Que de tristezas um cento
Que hei dito desta saudade

A ti seria levado,
E tel-as-ias sentido,
Como um enxame dourado,
Á concha rosea do ouvido.

LUPERCUS

M. VAL. MARTIALIS, LIBR. I, EPIGR. CXVIII.
J.-M. DE HEREDIA

Avista-me Luperco, e, mesmo ao longe: — Oh, poeta,
Teu ultimo epigramma é do melhor latim,
Diz, podes emprestar a alguem que, para mim,
Os rôlos vai buscar da tua obra completa?

— Não! Teu escravo é côxo e velho. E, mais, é recta,
Extensa, a escadaria. A casa é longe. Emfim,
Não moras tu visinho ao Palatino? Sim,
Attrecto, meu livreiro, assiste na Argileta.

Junto ao Forum, num canto, é a sua loja. Tem
Velhas obras de fama e obras novas tambem:
Virgilio, Silio, Plinio, e, além, Terencio e Phedro.

Lá, numa estante, está, e, certo, entre os primeiros,
Em purpura cosido, em seu ninho de cedro,
Posto á venda Martial: custa cinco dinheiros.

CONSOLAÇÃO

Pouco perde quem perde uma esperança!
Uma vem após outra, e, si a perdeu,
Nem de esperar, por isso, alguem se cansa:
Uma, ao morrer, a vida da outra alcança.
Si esta agoniza, é que outra já nasceu!

RELOGIO

Este pendulo se lança
De um lado e do outro... De vel-o,
De um olhar que se não cansa,
Se me arrepia o cabello.

E, noite a dentro, sentindo
Fico-lhe o giro e o seu porte
De um lado e do outro, indo e vindo,
Como entre a vida e a morte.

Foi um artista macabro
Que o esculpiu de uma caveira;
Mesmo si os olhos não abro,
Vejo-o pela noite inteira.

Em meio a tréva em que mora,
No silencio, o som que espalha,
Lento, lento, entra e sáe hora,
Lembra um cortar de mortalha

Que póde ser toda a lida,
Sem que um segundo comporte
Instante menos da vida,
Um passo mais para a morte?

Não é mais sentir desgraça
Quem assim se envelheceu:
Vendo a vida que se passa,
Sem pesar do que viveu.

SOLITUDE

SULLY PRUDHOMME

Quando um poema componho em torturados
Hemistichios, não são os mais perfeitos
Pensamentos que tenho: os mais amados
Versos que eu imagino não são feitos.
Como em redor de flores, borboletas
O esplendor de azas lépidas agitam,
Em torno deste ideal, ás brandas settas
De um sol de ouro, estival, versos palpitam.

Logo, porém, que os tóco, o leve bando
Desfaz-se... á minha dor constante e viva
O pollen de iris fulgido deixando
Da aza tremente, delicada, esquiva.

ANNO BOM

Neste, que se inicia, empampanado,
Anno, do verde tenro da Esperança,
Nos propicie o Fado
Dias do Bem, um anno de Bonança.

Nascido na luz alva que se doura
Do sereno esplendor de um sol risonho,
Ha de elle nos trazer, encantadora,
A paz do nosso Sonho.

E porque todo Bem que nos conforta
Vem deste amor, que é um céo sobre nós posto,
Seja, ora, como morta
Toda a larva da pena e do desgosto.

Pensa que os cardos todo abrandaram
Na, em que, tristes, trilhamos
Landa, ora, cheia de azas e de ramos
Em que os sonhos de flor desabrocharam.

Que desse paraizo da ventura
Anciado, a cujo portico batia
«Tan, tan» o coração, em noite escura,
E, ininterruptamente, todo o dia,

As leves portas de ouro e marfim,
Em par, se descerraram.
Por ellas, a alegria entrou, emfim,
E os nossos corações tambem entraram.

Um kalendario, seja, de radiosas
Horas entre as mais bellas
Que teremos, de estrellas e de rosas
De uma vida de rosas e de estrellas.

Nella ponhamos nosso amor e a verde
Esperança e a doçura da alegria,
Em cujo mar se perde
Deste sonho a serena véla esguia.

Este «Anno Bom» nos dê, illuminados
365 dias,
A sombra deste Bem, edenisados
De risos e alegrias.

E que nelle floresça em nossa vida
Sob a benção do céo que, ora, fulgura,
O' minha Promettida,
A aurea seara do sonho e da ventura.

*

RESIGNADO

PAUL BOURGET

Forte e dourada, a luz desta manhã de estio
Colma em brilhos de sol a esmeralda radiante
Dos bosques onde vaga o profundo amavio
Posto em cantico de ave, estranho e electrisante.

Da borboleta inquieta, azas de um fugidio
Iris de brilho e sol, á novilha distante,
Tudo, ante á grande luz, primaveril envio,
Tudo, feliz, palpita e vibra a cada instante.

Eu arrasto, no entanto, assim como num fado
Cruel, o meu pesar e esta estranha agonia,
E a elles nem esta luz da primavera aquece.

E não esquecerei as traições do passado
Bem como, agora, a Terra, ao fulgor deste dia,
A frieza do inverno, e o horror da neve esquece?

O SINO DE BOMSUCESSO

RUINAS DE VILLA-RICA

Por esses pedregaes e edosos muros
Rôtos dos annos, vago. Eu estou doente,
A' montanha pedindo os ares puros,
A' cidade fugindo e á propria gente.

Arestas vingo, escarpas. Vou. Arcturos,
Que é uma estrella, no céo de luz tremente,
Põe-se a brilhar. Já noite. Nos escuros,
Rola o grilhar dos grillos, insistente.

Restos de velha torre é só o que existe.
Emquanto a noite cáe, profunda e triste,
Quero, em meio dos montes acordal-a.

Si vibro o sino? Vá! Forte, vibrei-o.
Que voz! Que grito e lastima! É o ancêio
De quem, ha quasi um seculo, não fala!

PALMEIRA IRMÃ

Alguem, ao meu nascer, num rincão da fazenda,
Plantou uma palmeira. Em vendo-a, pequenino,
Lhe disputei a altura, e, mais tarde, da tenda
Da sua verde folha, entrevi meu destino.

Mais de uma vez, ouvi: «Esta palmeira, attenda,
Tem oito annos agora, e é irmã deste menino.»
Vi-a crescer. Cresceu. Mil vezes, a tremenda
Tempestade affrontou, erecta, sempre, a pino.

Deu folhas sem dar fructo, e, sózinha, perdura,
Hoje, onde era a fazenda, isolada, da altura
Dos leques reaes que volve á calma viração.

Ficou a prumo, e só, e não a accurva o vento:
A tapéra a rodêia, é em torno o isolamento...
Como te fez, em tudo, a sorte ao teu irmão!

A UMA SOMBRA

De noite, em solidão, pela tréva profunda,
Aquella que morreu, num silencio presago,
Em tulles toda, vem. O seu vulto circunda
O alvor do fogo fatuo, intangivel e vago.

E a dubia luz que traz a apparição inunda
Num tremente clarão o aposento em que trago
Meu tedio.. E, para que mais impressão infunda,
Tenta os braços abrir, como em gesto de afago.

Adorado fantasma! Esses olhos que a Morte
Apagou para sempre, abre á minha visão!
Fita-m'os como outrora, immoveis de anciedade!

Os teus braços estende. E toma-me! Mais forte
Sinta-te junto a mim! Conduza-me esta mão,
Comtigo, pela paz sem fim da Eternidade!

MADRIGAL NUM ALBUM

Levo, de ver-te, a vista deslumbrada,
E, de te ouvir, toda a minha alma, anciosa,
Escuta ainda, como uma revoada,
De tua voz a musica harmoniosa.

Para a pena lenir que me flagéla
E suavisar o meu supplicio atroz,
Vou vendo o teu olhar em cada estrella
E ouvindo em cada ninho a tua voz.

FIGURA DE «TROTTOIR»

Lembra a medalha aberta numa jarra
Velha, de modelar cinzeladura,
Entre folhas de acantho e myrto e parra,
O estranho vulto desta creatura.

Si é vista entre as demais, sua figura,
Vestida de setins de côr bizarra,
Dá a idéa, ao lado de uma seda escura,
De notas de clarim numa fanfarra.

Por onde surge, tudo se transforma.
Tal o poder, a força do amavio
Que aquelle corpo de mulher encerra:

Nossos desejos põem-se logo em fórma,
Pois ella passa como o desafio
De uma bandeira desfraldada, em guerra!

PRESAGIO

Ventura... Tu dirás que esta que enflora
Nossa existencia, e, prodiga, reparte
Risos e bens e, alviçareira, agora,
Anda a forrar o chão, por toda a parte

A que tu vás, de rosa. Enganadora
Que a mim anda a rodear e a ti rodear-te,
Dirás na tua voz branda e sonora
Que me ha de acompanhar e acompanhar-te.

Para sempre? Quem sabe? Esta incerteza
Não m'a arranca o carinho desses olhos
O pharol destas noites de tristeza.

Uma idéa me assalta, atra e presaga:
Havemos de pisar cardos e abrólhos
E a ventura pagar que nos afaga.

VERSOS SIMPLES

É mais profundo o pesar
De ter um bem e perdel-o
Do que buscal-o em desvelo
E o não poder alcançar:

Porque é maior a tortura
De ir da alegria á tristeza
Do que sonhar a ventura
No bem, no amor, na riqueza.

*

Quem vai sózinho e tristonho,
Sem conhecer o carinho,
Não leva o espectro de um sonho
A lhe ensombrar o caminho.

Pobre de quem vai tangido
Da cadêia de um abraço
E não espera, illudido,
A gloria de outro regaço!

Mesmo sendo torturado
Nos soffrimentos mais duros,
E ser menos desgraçado
Viver de sonhos futuros.

E é redobrada provança,
Angustia mais dolorosa,
Trazer comsigo a lembrança
De dias feitos de rosa.

SERRAS E PENEDOS

Ando, ha dous dias, nos montes:
Subo as escarpas agrestes,
Sonho e penso ao pé das fontes,
Perquiro as rochas alpestres.

Que goso é sentir de perto
A sempre Mãe Natureza,
Falar-lhe a sós, no deserto,
Como quem canta ou quem resa!

Bob, aos saltos, me acompanha,
Não ha melhor companheiro:
Vára as fragas da montanha
Sem se cansar, dia inteiro.

Á frente, bate o caminho
Vinga as ravinas e salta,
Sonda os ares com o focinho,
Vôa a passos de pernalta.

Quando páro, pensativo
No que sou, e que é tão pouco,
É quando, forte, e mais vivo,
Põe-se a ladrar como louco.

Eu trazia uma espingarda,
Mas, na serra abandonei-a.
Para que? Si é para guarda,
Quem de Bob ao pé receia?

E ha féras nestas alturas
Correm á noite ao accaso,
Deixam as furnas escuras,
Vêm rondar o campo raso.

Longe a cidade! Bemdigo
A acolhida destes ermos
Que recebem como amigo
Meus nervos langues, enfermos.

Os ramos são como braços
Que se estendem e que afagam:
Dão-me abrigo nos mormaços,
Dão-me perfumes que embriagam.

O ar da montanha me inunde
Dos seus effluvios sonoros!
É leve e azul. Elle infunde
A vida em todos os póros.

Sôrvo nas mãos a frescura
Das rendas fluidas de prata
Da agua que rola mais pura
Entre os rocaes da cascata.

Nem um livro, nem jornaes,
Nos meus alforges, apenas!
Muito melhor, muito mais:
Não ha tinteiro nem pennas.

Só. E surprehendo tamanha
Paz em ser só, que, nesta hora,
Penso, do alto da montanha,
Que o mundo fica lá fora.

E o homem, o vil animal,
Que, ás soltas, anda no meio
Das cidades, como um mal,
Como uma fera, recêio.

Si, entre arvoredos e penhas,
Eu toda a vida passasse!
No segredo destas brenhas,
Minha alegria renasce.

Na liberdade perfeita
Eu sinto em mim, rediviva,
A alma bondosa, refeita
Na innocencia primitiva.

Si o meu proprio olhar se eleva
Ao céo, extatico, então,
Volto á linguagem priméva
Do grito e da interjeição.

Eu devera, porventura,
Ser um tapuyo, e ficar
Nesta existencia mais pura,
Grandiosa e só, a sonhar.

Dentro, a minha ancia me incita
O ar aromal da folhagem,
E, no meu sangue palpita
Toda a emoção de um selvagem:

É que vibra para a vida,
Entre as mattas, afinal,
Vaga, a lembrança adormida
De um bugre, meu ancestral.

FIM DE ROMANCE

Afflicto te escrevi (uma tormenta!):
«A causa dize, porque silencias,
Sem tuas letras, meu pesar augmenta
E são maiores minhas agonias.

Sê, como penso, carinhosa! Tenta
Pôr termo a este supplicio que, ha dous dias,
Como sombra da morte me afugenta
De casa as derradeiras alegrias.

Escreve! «E eu esperei, como se espera
Uma sentença, pávido de susto,
Agarrando-me a um resto de esperança,

E, nada! Ainda esperei... e, nada! É justo:
Tudo tem o seu fim, tudo, pudera!
De amar o coração um dia cansa!

CANCIONEIRO

É muito mais que castigo
O mal em que me arremessas,
Quando bato ao teu postigo,
Nem uma voz, nem promessas...
É muito mais que castigo.

Porque me olhaste e sorriste
Ao luar daquella noite,
Tenho penas e sou triste,
Sem achar onde me acoite,
Porque me olhaste e sorriste.

Desde este outomno a este inverno,
Dos teus olhos fui captivo.
Nem era vida, era inferno,
Nem sei como fiquei vivo,
Desde este outomno a este inverno

Granito, rocha, penedo,
Eis que é teu coração...
E o que é duro é um arremedo
Desta estranha condição:
Granito, rocha, penedo.

Espinhos, cardos, espinhos
Vou pela vida encontrando,
Só porque, pelos caminhos,
Foste adeante, semeando
Espinhos, cardos, espinhos.

Olha a ti mesma e responde
Á pergunta que fizeste,
Porque em minha se esconde
A tristeza de um cypreste,
Olha a ti mesma e responde.

A mim só deram tormento
Teus olhos, nem sou capaz
De os ver sem magua e lamento.
Olhos azues (azul paz!)
A mim só deram tormento.

Andei de rimas vestindo
Phrases loucas de agonia
Que eram meu mal, existindo.
Para que as lêsses um dia,
Andei de rimas vestindo.

Vida má de dissabores
E' esta que me dás agora,
Toda tecida de dores,
Dia, noite, tarde, aurora,
Vida má de dissabores.

Esse olhar sereno e doce
Toda a minha alma clarêia
E sonha como se fosse
Um luar de lua cheia
Esse olhar sereno e doce.

Tanto segui a buscar-te
Que se cansaram meus pés,
Chamei-te por toda parte,
Hoje nem minha tu és,
Tanto segui a buscar-te!

INDICE

CORRIGENDA

Numerosos erros ficaram na impressão deste livro. Delles aqui se assignalam alguns:

Pagina	*verso*	*onde se lê:*	*emende-se:*
50	1.º	o vinho,	o vinho
52	5.º	elle	ella
91	1.º	medita,	medita.
105	2.º	cobiça	a cobiça
133	4.º	seu	o seu
136	2.º	Italomy	Itacolomy
136	6.º	Italomy	Itacolomy
157	1.º	gen te...	gentes...
158	11.º	Calcareo	Calcaneo
178	11.º	em voz	alçando a voz
182	3.º	erra	era
205	4.º	Mundos, vida	Mundos e vida
301	8.º	e a morte	e entre a morte
302	5.º	a tréva	á tréva
314	1.º	folhas	flores
324	11.º	E	E'
334	18.º	minha se	minha alma se

O verso 1.º da pagina 125 deve ser emendado assim:

Por uma aberta, ao longe, o seu olhar se perde.

INDICE

FRISAS E MEDALHAS

OS BANDEIRANTES

FERNÃO DIAS

ESPHYNGE

ESTANCIAS DE VENTURA

POEMA TRUNCADO

IDÉAS E VISÕES